



**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA - PPGEN**

JORGE LUÍS FELIZARDO DOS SANTOS

**LORD E LIS: UMA JORNADA EM BUSCA DA RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE**

PRODUTO EDUCACIONAL

LONDRINA

2018



**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA - PPGEN**

JORGE LUÍS FELIZARDO DOS SANTOS

**LORD E LIS: UMA JORNADA EM BUSCA DA RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE**

Produto Educacional apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Professor Dr. Daniel Guerrini

LONDRINA

2018

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação está licenciada sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



Produto Educacional do Mestrado Profissional realizado por Jorge Luís Felizardo dos Santos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus de Londrina.

Para Luana, Letícia e Laís,
... Lord e Lis!

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	06
Apresentação.....	08
Primeiras palavras: A obra e os personagens.....	10
Lord e Lis: Uma jornada em busca da reconstrução da identidade.....	13
Palavras finais: Contribuições da obra.....	51
Referências.....	53
Anexo.....	54

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro não é fácil, e penso que descobri isso, escrevendo.

Mas foi através deste desafio que pude perceber como se sentiam os grandes escritores como Castro Alves, Machado de Assis, Lima Barreto, entre tantos outros, quando davam a vida aos seus personagens e aproveitavam o ensejo para abordar temáticas tão caras para a vida em sociedade. Longe de querer me comparar a esses grandes vultos, percebi, neste percurso, essa satisfação.

E por este momento, tão ímpar na minha vida, agradeço a Deus, ao TODO, pela minha vida.

Agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha grata vida e contribuíram pela formação de quem eu SOU, a começar pelas mulheres da minha vida. Vera, Iolanda e Sheila, esta última, responsável pelo meu direcionamento profissional e hoje a minha vida: a educação e o ensino.

Agradeço aos meus maiores amores, minhas filhas, Luana, Letícia e Laís, fontes de minha inspiração.

Quero agradecer aos docentes da UTFPR/LD, principalmente o meu orientador e amigo, Daniel Guerrini, além dos professores Givan José Ferreira dos Santos e, principalmente, Maurício César Menon, incentivador deste livro. Assim como sou gratíssimo à professora Zenaide de Fátima Dante Correia Rocha e André Lopes Ferreira, queridos examinadores da minha banca de defesa, e gratos amigos

Vai aqui um agradecimento especial à querida professora Karen Debértolis, e a todos os colegas do curso de Escrita Criativa, que permitiu que eu acreditasse, ainda mais, na minha competência escritora.

Agradeço a todos os meus amigos, mas especialmente ao amigo Fernando Bruno, incentivador deste livro, tanto quanto o seu orientador. Mas não podia deixar de agradecer enormemente ao grande amigo e compadre, José Carlos Zironi, pelo incentivo de mudança.

Agradeço aos meus amigos e colegas educadores que se mantêm firmes e fortes em favor de uma educação e um ensino de qualidade, apesar de todos os desafios que nos são impostos na escola pública estatal.

Também, em nome do Dr. Celso Charuri, que na sua bondade sistematizou todo um conhecimento de vida; e em nome das queridas amigas Teré Vilela e Ana Barguil, agradeço a todos os amigos da Pró-Vida.

Não podia deixar de realizar um grande agradecimento às Redes Oficiais de Ensino públicas, tanto do município quanto do estado de São Paulo, que há 15 anos são responsáveis pela remuneração que me permite viver e perspectivar novos desafios, em prol de um melhor processo de ensino-aprendizagem.

APRESENTAÇÃO

Penso que uma apresentação é muito importante, neste primeiro livro que escrevo.

Pude descobrir, ao cursar o mestrado, esse talento, o qual hoje eu tenho o prazer de mostrar a todas as pessoas que quiserem abrir as páginas deste livro.

Meu nome é Jorge Luís, nasci no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, sou filho de Vera Lúcia e Oswaldo Luiz, funcionários públicos.

A ausência do estado em relação à Primeira Infância, que era um “problema” da Assistência Social e não da Educação, com a ausência de creche, me levou a frequentar a Educação Infantil na Escola de Educação Infantil “Passinho Inicial”, uma escola particular.

Depois, no Ensino Fundamental, frequentei até o atual 6º Ano, o Colégio Madre Cabrini, momento em que a crise econômica provocada pelo governo Collor abateu a família e forçou a minha transferência para a Escola Estadual Professor Joaquim Silvado, onde a minha tia Sheila de Andrade lecionava, para cursar o 7º Ano.

No 8º e 9º Anos frequentei a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Derville Alegretti, depois de quase três dias e noites em que minha mãe ficou na fila para me matricular em uma escola pública, a qual naquele momento era chamada de “modelo”. Em 1993, existiam algumas escolas de preferência, onde o ensino era mais “referenciado” e mais procuradas pelas famílias, que gostariam de garantir uma educação de qualidade para o seu filho e não tinha dinheiro para bancar uma escola particular. Hoje penso que se a sociedade fosse mais engajada e participativa, não haveria motivos para a multiplicação de estabelecimentos particulares.

Após mais um pouco de fila, em 1995, frequentei a Escola Estadual Professor Augusto Meirelles Reis Filho, onde me formei no Ensino Médio.

No processo educativo e de escolarização não vivenciei processos de valorização étnico-racial, muito pelo contrário, na escola particular, era chamado de preto, macaco, negão... sem que a escola desenvolvesse trabalho algum contra a discriminação racial, talvez por acreditar na “democracia racial”, sentimento este que muitos tinham naquela época. Portanto, não quero ser um acusador leviano, e desmerecer todo um trabalho desenvolvido por essa tradicional instituição escolar. Mas um dia dei um soco na cara de um menino “folgado”, que vivia me “provocando”

na escola, e olha que nunca fui violento, do tipo brigão. Fiquei com medo da minha mãe saber ou de ser penalizado pela escola, fingi que estava passando mal e fui para a enfermaria que tinha no colégio. O menino, acho que por estar com medo, devido às “injúrias” raciais desferidas contra mim, também não contou para a mãe dele e eu saí desse episódio “ileso”. Mais ou menos, pois ainda vou levar bronca quando a minha mãe ler essa narrativa.

Na verdade, longe de me sentir orgulhoso com essa história, eu me sinto triste, porque tive que recorrer a uma solução solitária e individual ao invés de uma outra, pedagógica, a qual contemplasse a educação étnico-racial e um ensino que valorizasse a história e cultura do negro no Brasil e seus (meus) antecedentes africanos, um ensino que promovesse a compreensão de que todos somos diferentes sim, mas não desiguais, enfim, um ensino que contemplasse a diferença e fosse antirracista.

A partir desse processo escolar vivido, e depois de formado em História pela UNESP, em 2001, aprovado e efetivado como professor na Prefeitura Municipal de São Paulo e atuando, também, como professor na rede estadual de São Paulo, a partir de 2002, acabei norteando minhas ações didático-pedagógicas no sentido de desenvolver a questão étnico-racial, antes mesmo da Lei 10.639/2003. Mas, é claro, que seu advento promoveu uma preocupação tal no “sistema de ensino” que se tornou mais fácil trabalhar essa temática no contexto escolar.

Desde então, em muitas escolas, em conjunto com outros grandes colegas, desenvolvi as temáticas da educação para as relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. De modo que na ponta, no chão da escola, os educandos tivessem a possibilidade e oportunidade que não tive enquanto estudante.

Este livro, destarte, é tão somente uma possibilidade para que se garanta, dignifique e se contemple, enquanto direito à aprendizagem, a temática étnico-racial.

PRIMEIRAS PALAVRAS: A OBRA E OS PERSONAGENS

Este livro, intitulado *Lord e Lis: uma jornada em busca da reconstrução da identidade*, é fruto das nossas pesquisas relativas ao trabalho dissertativo e se apresenta como Produto Educacional para o desenvolvimento do ensino. Trata-se de uma narrativa ficcional, gênero romance, em que a temática principal é a construção da autoestima e valorização da etnia negra, além da reflexão acerca do produto chamado racismo, gerado e reproduzido na sociedade de forma mais direta ou mais dissimulada.

A temática étnico-racial é enredada com a busca e afirmação pela identidade dos personagens que, ao longo do ano letivo de 2017 e início de 2018, vivenciam, em suas respectivas escolas, histórias de superação e consciência política, tendo como pano de fundo as diferentes facetas das discriminações a que os negros estão expostos na nossa sociedade, que comumente dissimula o racismo, ideia ligada ao mito da democracia racial. Esse referido mito preconiza a inexistência do preconceito, discriminação racial e racismo no Brasil, ao mesmo tempo em que defende que as oportunidades e as chances da vida são ofertadas de maneira igualitária a todas as pessoas, independentemente do pertencimento étnico-racial das pessoas.

A personagem Lis é uma menina órfã de 14 anos, nascida no dia 09 de janeiro de 2003 (dia, mês e ano da sanção da lei 10.639 portanto), e que mora num abrigo com o seu irmão desde a morte de sua mãe. Lis estuda em um colégio particular que demonstra muita dificuldade em desenvolver ações ligadas às questões étnico-raciais, tendo como resultado disso casos de *bullying* e discriminação, os quais, inclusive ela própria, vivencia no ambiente escolar.

Lord é irmão de Lis (portanto, igualmente órfão), nascido em 20 de novembro de 1999 (dia de reflexão, que marca a morte de Zumbi dos Palmares, o dia da Consciência Negra), tendo na história 17 anos. Ele estuda em uma escola pública que tem se preocupado em ser mais democrática e aberta para a tolerância e o convívio escolar inclusivo. Como está prestes a se formar no Ensino Médio, a sua participação na vida da escola, inclusive sendo protagonista de ações pedagógicas como a Mostra Cultural, se divide com o estudo para a realização do ENEM, pois sonha em cursar Filosofia em homenagem à mãe que morreu por complicações de uma doença, situação essa que está enredada na obra.

As ações dos demais personagens em meio à narrativa estão ligadas aos personagens principais e à temática étnico-racial, em consonância com conteúdos multidisciplinares, orientadores de um possível caminho para o planejamento didático-pedagógico das diferentes disciplinas escolares, ao mesmo tempo, incentiva as pesquisas para o planejamento e organização de conteúdos para estas disciplinas, tendo como horizonte a educação para as relações étnico-raciais. Isso é regido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), sendo que não há necessidade, portanto, de alterar o foco de um currículo eurocêntrico pelo afrocêntrico, ou por qualquer outro, pois o foco curricular deve estar permeado pelos conteúdos, ou seja, as mensagens (JUSTINO, 2013) dos diferentes grupos culturais, na consecução de uma prática pedagógica descolonizada, promotora da diversidade e democrática.

Neste sentido, esta obra, um livro de literatura, mais especificadamente, um romance infanto-juvenil, se apresenta para o desenvolvimento de um trabalho didático-pedagógico relacionado à temática étnico-racial, conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013), ou seja, de modo nuclear, no contexto da base nacional comum, que legalmente se faz obrigatória, na compreensão do currículo da Educação Básica, de acordo com o observado no artigo 26 da LDBEN:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996)

A observação deste artigo na LDBEN revela que a temática étnico-racial não foi proposta, conforme a sua alteração pela Lei 10.639/2003, para ser desenvolvida transversalmente, pois o artigo 26-A, que incluiu a obrigatoriedade desta temática, está inserida no artigo que estabelece a base nacional comum.

No artigo 27, da referida Lei, o texto legal ainda afirma que estes conteúdos curriculares devem observar “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” (BRASIL, 1996). Assim, o desenvolvimento da temática étnico-racial, através dos conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, faz parte de uma

comunicação importante para a garantia do bem comum e da democracia em nosso país.

Esta obra foi pensada, como um Produto Educacional, inicialmente, para atingir o público da Educação Básica, principalmente das séries finais do Ensino Fundamental, além do Ensino Médio, de acordo com a pesquisa apresentada para a obtenção do título de mestrado. No entanto, como um livro de literatura, gênero romance infanto-juvenil, esta obra, fora do contexto eminentemente escolar, poderá atingir diversos públicos.

LORD E LIS: UMA JORNADA EM BUSCA DA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

CAPÍTULO 1

– Ah, sua pretinha fedida, volta pro abrigo, quem te chamou na conversa?!, – disse Bianca, numa roda de colegas que, entre alguns risos e olhares constrangidos, acompanhavam a cena.

Assim, saiu Lis do colégio, chorando... correndo em direção à sua casa, ou melhor, ao seu *lar*...

É... é isso: para o seu *lar*.

Lar também é jeito de falar, sabe leitor, expressão do tipo “Lar, doce lar”?! Aquele que nos dá uma sensação de conforto, aconchego? Pois é, *lar* não é só força de expressão, pois apesar de Lis morar num abrigo, aquele era o seu *lar* mesmo. E não só Lis, mas também o seu irmão Lord. Esses dois eram, poderíamos falar, *siameses*, pois eram grudados um no outro. No entanto, não eram gêmeos, nem siameses, nem univitelinos, menos ainda bivitelinos.

Hoje, leitor, é mais um dia do mês de maio de dois mil e dezessete, e daqui até o final vamos acompanhar a história de dois irmãos, Lis e Lord, duas almas negras, digo negras porque negras são, apesar do matiz mais claro de suas peles, e de passarem, também, quase despercebidos com relação à sua negritude, pois sempre existe uma possibilidade, de acordo com a conveniência dos outros, é claro, de se dar visibilidade à sua invisibilidade...

Mas, continuando...

Lord com seus dezessete anos de idade, nascera em 20 de novembro de 2000, com os seus 1,78m de altura, 79 quilos, cabelos cortados à máquina sempre bem baixinhos, pois no abrigo não se podia ter cabelos grandes, tudo por causa da higiene - é o que diziam. Lord Félix D’Castro Alves era um adolescente como os outros, cheio de vida, franco, com uma autoestima superpositiva, se arrumava bem, apesar do modo humilde. Havia somente uma coisa que não era positiva nele: o traço de uma doença hereditária que já havia consumido a vida da sua mãe e de muitos outros como ele: a anemia falciforme.

Lis, por sua vez, era uma menina alegre, apesar de um pouco introvertida, nascera em 09 de janeiro de 2003, um dia histórico! Lis Félix D’Castro Alves dos Santos tinha uma baixa autoestima, com seus 1,69 de altura e 55 quilos, cabelos alisados, gostava de andar ornada com acessórios e influenciável. Tudo isso porque não acreditava em si, reproduzia tudo o que definiam como padrão e, assim como o irmão, possuía o traço da anemia falciforme, sentindo-se ainda mais triste por isso: foi depois do seu nascimento que a sua mãe sofreu as maiores complicações dessa doença, vindo a falecer sete anos mais tarde.

Lis chegou em casa chorando pela humilhação que lhe fora imposta por uma de suas colegas de escola e pelos olhares risonhos dos outros colegas.

– Puxa, que dia!, pensava.

Chegou, e logo foi para o seu quarto, passando pelo seu Zé dos Cocos e pela D. Geny, que conversavam no corredor do abrigo.

O abrigo, o Lar Amigo Francisco de Assis, era um lugar simples, mantido por uma instituição assistencial que acolhia crianças órfãs cujos outros familiares não tinham condições de criar. O prédio tinha dois andares: no andar de cima, ficavam os quartos e banheiros; no de baixo, a administração e a área social, incluindo a sala da diretora e pedagoga do abrigo, salas de reuniões, sala de televisão, refeitório, cozinha, área de convivência e uma área externa com horta, uma quadra e um jardim.

Após o falecimento de Maria das Flores, como era conhecida a mãe de Lord e Lis, os pequenos tinham no mundo apenas a sua avó materna. Porém, a vó Catarina, uma velhinha muito simpática e risonha, uma “benzedeira de mão cheia” - alguns diziam -, já tinha idade avançada - mais de 80 anos. A verdade é que ela era sim, uma pessoa iluminada, e que tinha uma espiritualidade muito forte, mas não havia conseguido manter os netos ao seu lado, devido a sua condição financeira, e preferiu que os dois fossem para o abrigo a vê-los passar fome, mas nunca deixava de mimá-los, levando uma ou outra guloseima... coisas de vó.

Chegando a seu quarto, Lis, chorando copiosamente, pensava:

– Como assim, ser xingada perante todo mundo, e ser chamada de negra, logo eu que sou morena!!!

Na verdade, não era a primeira vez que Lis era exposta àquela situação. Há muito, os funcionários do abrigo percebiam que a menina, cada vez mais, e principalmente desde o começo do ano, permanecia estranha, ficando sempre triste e com o emocional abalado.

Desde o momento em que chegara ao abrigo, Lis havia sido matriculada numa escola particular que oferecia bolsas de estudo para algumas crianças de instituições de caridade. A criança não poderia tirar notas menores que 7,0 para ser mantida como bolsista naquela escola. Talvez fosse por esse motivo que muitas crianças acabavam “perdendo as chances” que lhes eram dadas, como um gesto de caridade e ação social, pois, vindos de uma condição de pobreza às vezes gritante, muitas das que chegavam ao abrigo não conseguiam acompanhar o ensino naquela instituição.

Apesar de tudo, Lis sempre fora uma menina estudiosa - sua mãe era exigente, mesmo não tendo melhores condições financeiras, pois desde sempre criou sozinha o filho e a filha, sempre procurando buscar possibilidades culturais que a cidade oferecia gratuitamente, numa Casa de Cultura pública.

...

Instantes depois, Dona Geny, que todos ali no abrigo chamavam de vó, pediu licença, entrou no quarto e perguntou o que havia acontecido para aquela “princesa” estar chorando daquele jeito. Enxugando as lágrimas, a menina contou tudo o que tinha acontecido no colégio e afirmou que não queria mais estudar naquele lugar, porque lá ela era muitas vezes ignorada pelos outros alunos.

Sabia que era um bom colégio, tradicional na cidade. Chamado Nossa Senhora de Casaluce, seu nome fazia referência a uma madona italiana, que desde o século XII era adorada no sul da Itália: a Nossa Senhora de Casaluce, cujo nome significa “casa de luz”. Diz a história que, em um dia muito chuvoso, apareceu num

mosteiro na cidade de Aversa, uma moça negra pedindo abrigo, mas os padres não puderam acolhê-la, devido ao fato de não poderem acolher mulheres e a encaminharam para o convento das freiras, na outra cidade, “CaslLuce”. As freiras a receberam e a acolheram num quarto. Porém, no dia seguinte, as freiras não mais a encontraram e no seu lugar havia apenas um quadro, de uma mulher negra com uma criança nos braços.

Dona Geny, que era uma ex-funcionária do abrigo, após aposentada, permanecia trabalhando, cuidando das crianças e adolescentes que ali residiam. Não gostava muito de sua casa, pois seu filho adotivo, o qual havia pegado para criar quando já contava com idade avançada, depois dos quarenta, não tinha muita paciência com ela, por ser velha, como ele dizia.

Branca, 69 anos, baixa estatura e com seus 80 quilos, Geny Biaggio da Silva gostava muito de frequentar as feijoadas da Escola de Samba da cidade, mas sonhava mesmo era desfilhar na “Vai-Vai”. Uma tradicional escola de samba de São Paulo, fundada por dois amigos em janeiro do ano de 1930 como Cordão do “Vae-Vae”, após esses serem expulsos de um time de futebol chamado “Cai-Cai”. Também poderia ser um desfile pela Portela, do Rio de Janeiro, como uma velha amiga sua, Iolanda, que muitas vezes já havia desfilado.

Após 55 anos de trabalho, a maior parte deles no abrigo, sua idade já pesava, mas as crianças do orfanato a adoravam, ela era muito alegre e disponível. “Uma alegria ver aquelas crianças crescerem e virarem boas pessoas, apesar de nem sempre essas ‘boas histórias’ se repetirem”. “É a vida” – refletia ela.

– Não fique assim não, Lis, você é uma menina linda, mas você precisa saber que o nome disso é discriminação, é racismo. Tudo por causa da sua cor, – tentou consolar a menina.

– Mas eu sou morena, D. Geny!, a menina falou.

E D. Geny retrucou:

– Você é negra, ainda que de pele clara, mas é negra. E tem mais, pode até ser que em alguns momentos as pessoas não percebam isso, porque aqui no Brasil, minha *fiá*, essa discriminação é disfarçada.

E continuou:

– Mas quando interessa, ah... zapt, ela aparece.

D. Geny, triste com a situação narrada pela menina, ficou pensando: “Quando que essas histórias vão parar de se repetir, meu Deus? Não é possível que as crianças já nasçam preconceituosas assim”. E continuou: “Quando que vamos parar de passar para as crianças essas visões distorcidas que não levam `a nada e só reproduzem o preconceito?”.

Lis, ainda no colo da D. Geny, ficou pensativa, até que acabou adormecendo.

CAPÍTULO 2

Lord chegou já quase à noite, pois tinha saído para fazer uns trabalhos escolares no Centro Cultural da cidade com seus amigos, Gustavo e Henrique. Ele

estava muito animado com a escola ultimamente, isso porque, segundo ele, ela estava deixando de ser chata, ou como nós poderíamos dizer, tradicional e conteudista.

Mas a verdade é que Lord, que nunca havia sido daqueles alunos mais aplicados, estava agora se apropriando da escola e dos espaços públicos da cidade. Ele estava com 17 anos, e aquele era o seu último ano na escola em que estava estudando, a Escola Estadual Nina Rodrigues, sendo que havia estudado ali desde pequeno, quando a sua mãe ainda era viva. Só saíra dali por um ano. Depois que a sua mãe faleceu e ele e a sua irmã foram para o abrigo, os dois foram matriculados na escola em que Lis estudava atualmente, mas ele não “conseguiu” acompanhar o ritmo e acabou voltando para aquela, a Nina Rodrigues, que era pública.

A escola Nina Rodrigues, passava, naquele momento, por uma transformação. A direção começava a entender as mudanças da sociedade e do público que frequentava aquela escola, recebendo um grande número de alunos que vinham da periferia da cidade, trazendo com eles as suas culturas. Também passava por uma profunda mudança no que diz respeito às práticas de ensino e à participação da família na escola, tornando-se mais democrática. Porém, uma coisa ainda preocupava muitos alunos como Lord: o nome do patrono da escola, Nina Rodrigues.

O nome da escola fazia referência a um médico maranhense que tinha ficado conhecido por defender, no final do século XIX, as teorias raciais que vinham da Europa, teorias estas que indicavam a superioridade da raça branca e a inferioridade das outras raças que compunham o Brasil. Como médico e atento às suas pesquisas antropológicas na Bahia, Nina Rodrigues defendia que as presenças do negro, do mestiço e do mulato eram um grave problema para o desenvolvimento do país, mas que ao longo do tempo a raça superior acabaria vencendo. Antes, contudo, era necessário o controle dos elementos inferiores, “bárbaros”, por meio de leis penais. Por isso que Lord, em conjunto com colegas de outras turmas e apoio de alguns professores, levou para a diretora uma proposta para mudar o nome da escola.

A diretora Márcia, uma mulher bonita, alta, branca, com cabelos pretos, sempre muito bem vestida, na faixa de seus 50 anos e que naquela escola era praticamente nova, pois só estava lá há dois anos, ficou de verificar como poderia fazer a mudança:

– Olha, meninos, eu acho muito interessante essa proposta, mas eu não sei se ela não esbarra em alguma legislação. Vou verificar e volto a falar com vocês depois, tudo bem? - Falou a diretora, comprometendo-se a pensar na proposta.

Ouvindo RAP, Lord entrou no abrigo cantando em voz alta.

Nossa! Como ele adorava as batidas, os temas, as letras que falavam sobre a realidade da favela e a forma como ela era tratada de modo discriminatório pela sociedade.

Ele sabia que, diferentemente do que se falava na mídia ou à boca pequena, no dia a dia, a discriminação era muito forte no Brasil, e principalmente sentida mais na periferia, onde o histórico de esquecimento e marginalização do pobre era grande, assim como a repressão e o genocídio da juventude, na maioria, negra.

As aulas do professor Maurício, de Sociologia, não saíam da sua cabeça: era comum o professor, que era baixinho e gostava de skate, falar e mostrar números, por

exemplo, em que, considerada a porcentagem de pobres, o número de negros era quase duas vezes maior em relação ao de brancos, sendo por isso que a violência na periferia atingia mais as famílias negras.

– Não, eu não quero fazer parte dessas estatísticas!, pensava Lord.

Por isso que, apesar de não ter pai e mãe e de viver no abrigo, ele estava estudando, para poder orgulhar a sua mãe, onde quer que ela estivesse, e ter condições de dar uma vida melhor para a sua avó e para sua irmã.

Chegou, ouvindo e cantando um trecho da letra da música “Levanta e anda” de um de seus maiores ídolos, o rapper Emicida:

Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda, Irmão
 Você não percebeu
 Que você é o único representante
 Do seu sonho na face da terra
 Se isso não fizer você correr, chapa
 Eu não sei o que vai.

– E aí, Zé dos Cocos, o que é que tá pegando, *cumpadi?*, perguntou Lord.

– Tudo bem, tá animação hoje, curtindo uns rap, né? - respondeu o seu José, comentando sobre a cantoria do “menino”, como chamava Lord. Estou aqui terminando de dar uma ajeitada nesse lugar, pois hoje é sexta e eu não quero deixar para arrumar tudo amanhã, porque amanhã você sabe, é dia de forró, e a minha namorada vai estar me esperando - continuou ele, com uma cara de felicidade e já pensando no fim de semana.

– Você sabe onde está a minha irmã?, perguntou Lord.

– Acho que ela está no quarto, hoje ela chegou bastante triste, pois acho que tiraram onda com ela na escola, respondeu o seu José compartilhando a própria preocupação em relação à menina com Lord.

– Sério, de novo? Aquela escola de *playboy* pode ser cara, boa, maravilhosa, mas está deixando a minha irmã muito *down*. – falou o garoto. Vou lá ver como ela está!, e terminou rapidamente a conversa.

– Isso, cabra, vá lá ver e depois desçam os dois, porque o jantar já está quase pronto - emendou o seu José.

– Ok, respondeu Lord já subindo para o quarto em que a sua irmã dormia junto com outras cinco meninas.

José do Bomfim, o conhecido Zé dos Cocos, era um baiano arretado e troncado, de 1,60m. Caboclo, mestiço de branco com índio, como ele gostava de se definir, trabalhava no abrigo há muito tempo. Fazia de tudo, desde serviços gerais, para colaborar com o caseiro, o congolês Olenka, que era chamado de “João de Angola” pelas crianças, que não entendiam muito bem quando ele falava, até os serviços de secretaria e administrativo, em auxílio à senhora Terezinha, diretora do Lar Amigo Francisco de Assis, que fazia alusão ao “santo” amigo das crianças e dos animais. O abrigo era mantido por uma associação filosófica de “amigos da mente”, como as pessoas se referiam.

Terminando seus afazeres, José se dirigiu para a cozinha para ajudar D. Geny a arrumar o refeitório, pois ele tinha certeza que os “cabrinhas”, como ele chamava todas as 20 crianças e adolescentes que viviam no “Lar”, estavam com fome.

A verdade é que aquele era um lugar muito especial para todos os que ali trabalhavam, porque eles sentiam, não só por causa da alegria daquelas crianças, que apesar de toda a situação pelas quais passaram até chegar ali, sendo por “orfandade” no caso de umas, violência doméstica no caso de outras, entre tantos motivos igualmente tristes, que os responsáveis por manter o abrigo viviam para tentar construir um mundo bem melhor. Começando pela sensibilidade e ternura com que tratavam os funcionários, mas, principalmente pela forma com que as crianças eram cuidadas e educadas, com dignidade, carinho e amor.

CAPÍTULO 3

Lord bateu na porta e foi entrando no quarto. As outras cinco meninas, Luana, Letícia, Rafaela, Laís e Júlia, estavam lá também, mas cada uma fazendo uma coisa: arrumando o cabelo, lendo, jogando no celular, e a sua irmã ali, encolhida, passando uma sensação de muita tristeza.

– Oi, minha irmã, o que houve? O Zé falou que você chegou triste, o que houve?, perguntou Lord, vendo a situação em que a irmã se encontrava.

– Ah, Lord, aquelas meninas da escola, não cansadas de só me ignorar, agora estão pegando no meu pé, ficam me provocando, me chamando de pretinha, entre outras coisas. Sem contar que os professores, eu sinto, me tratam como se tivessem pena de mim, sei lá, não sei o porquê...

– Não fique assim. Amanhã eu vou conversar com a dona Terezinha, pois isso não pode continuar, isso já está virando perseguição, tá ligada! – falou ele irritado, e tornou:

– E o que você fez?

– Nada, disse a menina.

– Mas você tinha que abrir a boca para falar, pô!, falou Lord, contrariado.

– E adianta?, replicou a menina, de forma interrogativa.

– Se você não tentar, não vai adiantar mesmo. Mas vamos descer, vai, pois o Zé falou que a D. Geny já estava terminando de preparar a mesa para o jantar, *bora*, vamos jantar e depois a gente conversa mais.

– Não. Pode descer, eu estou sem fome, falou Lis.

– Êrrr, sonorizou, incomodado, Lord.

– Verdade, sério, a garota insistiu. Pode descer, eu vou ficar de boa - continuou.

Então, Lord olhou para as meninas que estavam no quarto também e falou:

– Gente, *bora* descer, porque o cheiro do rango tava ótimo, eu acho que é galinha ensopada, falou Lord, após desistir de chamar a sua irmã para jantar.

CAPÍTULO 4

Naquela noite, depois do jantar, Lord ficou conversando um pouco com a sua irmã, que demonstrava alguns sinais de irritabilidade, crise de choro e falta de apetite, sem dúvida já em conjunto com uma “grande” baixa autoestima, que já fazia tempo que ele percebia na sua mana. Desde as roupas que ela vestia, meio metidas a “burguesinha”, seus cabelos, sempre alisados à “prancha”. Sem contar seu comportamento e falas preconceituosas, muitas vezes para consigo mesma, quando criticava o seu cabelo “ruim”, como ela se referia aos seus cachos crespos.

Lord desceu e ficou no computador até as dez da noite, horário permitido para que os meninos e as meninas permanecessem nas áreas comuns do abrigo. Neste momento, enquanto escutava algumas músicas, que havia baixado para o seu celular - sons de Emicida, Criolo, MV Bill, Racionais, Gabriel, o Pensador - ficou pensando na sua mãe e o que ela falaria naquela situação, enquanto ouvia “Passarinho”, do Emicida:

Será que o sol sai prá um voo melhor
Eu vou esperar, talvez na primavera
O céu clareia e vem calor vê só
O que sobrou de nós e o que já era...

Subiu, mas não parou de pensar na situação. Cumprimentou seus colegas de quarto - Artur, Henzo, Emanuel, João e Henrique -, conversaram um pouco sobre coisas triviais, o que meninos conversam. Tomou banho, deitou na sua cama, segundo andar da terceira beliche e, antes de dormir, rezou para sua mãe, pedindo que ela pudesse iluminá-lo e mostrar-lhe um caminho para melhor lidar com a situação da sua *mana*, por quem se sentia responsável depois que sua mãe morreu.

Sabia também que aqueles eram os seus últimos meses no abrigo, e que depois de completar 18 anos, data limite para a permanência de um adolescente na instituição de assistência social, iria ficar mais difícil acompanhar a sua irmã mais de perto, pois a casa da sua avó não era muito longe, mas perto, com certeza, também não era. Sabia que era pra lá que iria se dirigir. Além do mais, ele prestaria o ENEM para conseguir fazer faculdade de Filosofia, da mesma forma que a sua mãe. Essa era uma promessa pessoal que iria seguir. Assim como também iria seguir a promessa de cuidar da irmã, como prometera à sua mãe antes de morrer.

Lembrou-se dos últimos momentos em que esteve com a sua mãe, quando ela estava acamada num hospital por uma complicação da anemia falciforme, doença que acomete quase que exclusivamente a população negra, mas, que no Brasil, em decorrência da alta taxa de miscigenação, acomete parcela cada vez mais significativa da população “branca”.

A anemia falciforme é uma doença que foi descoberta em 1904 por um médico estadunidense ao atender um estudante negro com fraquezas nos ossos, músculos e articulações, dores de cabeça, além de uma anemia crônica. Esse nome está ligado à forma como as células do sangue se apresentam, forma de foice, por isso o nome

anemia “falciforme” e por muito tempo foi considerada fatal, devido às infecções, insuficiência renal e cardíaca e trombose. Enfim...

Era 21 de julho de 2010, lembrava-se que a sua mãe apesar de doente, estava feliz, pois no dia anterior o Estatuto da Igualdade Racial havia sido aprovado, e ela falava:

– Lord, talvez eu não consiga ver, mas com certeza você e os seus filhos verão um país mais justo, onde a conduta das pessoas será voltada para compreensão de que, apesar de diferentes, as pessoas têm a mesma essência, e que se elas quiserem, poderão ajudar a transformar o mundo pela bondade e não pela força do preconceito, que faz com que, aqueles que são negros, aqui no Brasil, sejam discriminados nos mais variados espaços e situações, sejam os mais visados pela polícia nas ruas ou sempre olhados com desconfiança, em qualquer portaria ou guichê que chegarem, precisando se identificar primeiro como alguém de paz e só depois se identificando de acordo com o que foi fazer naqueles locais.

Lembrou-se também de que, naquele dia, sua mãe falou que o sonho dela de ser professora estava ligado a essas questões que envolviam preconceito, discriminação e racismo, citando uma famosa frase do Nelson Mandela:

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela, Long Walk to Freedom, 1995)

Mandela, tinha sido o primeiro presidente negro da África do Sul, depois de um período em que os negros, naquele país, dividido em várias etnias, foram, legalmente, separados da convivência com os brancos, também de várias etnias, que haviam colonizado o país, por se considerarem racialmente superiores.

Aquela segregação recebeu o nome de Apartheid e durou oficialmente mais de 30 anos, ela lhe contou. Lord recordou-se de que ela até chorou, ao lembrar que o próprio Mandela, mesmo sendo vítima daquele absurdo, pregava uma convivência pacífica entre os vários grupos de negros e brancos, e chamava a África do Sul de país arco-íris, devido à variedade de cores que compunham o povo que ali vivia. E citou parte de seu discurso.

Naquele instante de lembranças, pensando na sua irmã, ele próprio chorou ao evocar uma fala da mãe:

– Eu quis ser professora, meu filho, para ensinar que uma educação antirracista se faz com a consciência de cada um, de que todos somos diferentes, todos somos importantes, pois nós também somos uma nação “arco-íris” e a presença de cada um é essencial na vida em sociedade. Sabe filho, até parece óbvio o que falo, mas tem escolas, gestores, professores... que fingem que todos os alunos são iguais, para não ter que trabalhar com a pluralidade étnico-cultural dentro ou fora da sala de aula, mas se elas reconhecerem isso, elas vão ter que se posicionar e mudar suas condutas, mudar suas atitudes.

E encerrando a conversa, disse:

– Talvez você, meu filho, seja muito pequeno para entender o que eu estou falando, mas um dia, você vai entender!

Lord lembrou que essas foram as suas últimas palavras, e que no dia seguinte quando a sua avó os levou ao hospital de novo, a sua mãe já tinha virado uma estrela, conforme vó Catarina explicara para os netos.

Então, Lord limpou as lágrimas e pensou consigo mesmo:

– Eu vou fazer o que você não conseguiu, mãe!!!

CAPÍTULO 5

Maria das Flores D´Castro Alves era uma mulher linda, do tipo dessas de parar o quarteirão, muitíssimo inteligente. Porém, nasceu pobre num “famoso” bairro da periferia da cidade, e não era diferente de tantas outras marias que já vimos. Maria das Flores era negra, pele escura e viva como uma noite de lua cheia, com seus 1,75 e 60 quilos, parecia uma modelo. Menina trabalhadora, desde cedo ajudou a mãe, pois o seu pai havia desaparecido quando tinha dois anos. Sua mãe achava que o seu desaparecimento estava ligado ao envolvimento dele com os grupos chamados de subversivos pelos militares, na época em que o Brasil estava vivenciando o período da Ditadura Civil-Militar, que se estendeu entre os anos de 1964 a 1985.

Catarina muito havia se mobilizado para descobrir o paradeiro de seu marido, mas nunca obtivera sucesso. E, sempre falava, de forma negativa: “Como se não bastasse ser preto e pobre, ainda era metido a comunista”. Jeito estranho esse de falar que demonstrava uma profunda dor causada pela falta do marido em sua vida e também na vida da filha, que ele acabou por não ver crescer, florescer e morrer.

Maria das Flores nasceu em 1978, ano histórico no cenário brasileiro, não pelo futebol, pois a seleção não ganharia a Copa do Mundo naquele ano, mas, sim, pela grande mobilização dos metalúrgicos, que se transformou numa grande “Greve”. Mas também pelo surgimento de um dos movimentos sociais que tinha, entre outros igualmente importantes, o grande pensador Abdias do Nascimento como liderança: o Movimento Negro Unificado (MNU), movimento de luta contra o racismo, que teria grande repercussão nos anos seguintes.

Retomo este fato pois a mãe de Lord e Lis, assim como o avô, o Sr. D´Castro Alves, fora engajada desde pequena em movimentos que lutavam pela democracia e justiça social. Ainda em 1992, participando do movimento estudantil, saiu pelas ruas da cidade com a cara pintada. Assim como em 1995, acompanhada por uma professora de quem era muito fã, chamada Sheila, foi até Brasília e participou da comemoração do aniversário de 300 anos de Zumbi, no que foi considerado na época, um evento que representou uma grande vitória dos negros brasileiros, pelo fato de terem conseguido ouvir, pela primeira vez na história, de um Presidente da República, que o Brasil era, sim, um país em que o racismo existia, ao contrário do que sempre era falado e exaltado: “que o Brasil era uma Democracia Racial”. Essa expressão, durante muito tempo foi vista como positiva, estava ligada à ideia de que o encontro das “três raças fundadoras” do povo de nosso país, tinha produzido um povo mestiço

e em si, representava que no Brasil não existia o racismo, situação diferente da de outros países, que tinham uma realidade bem diversa.

Em 1998, após um longo caminho no qual Maria e Catarina tiveram que sobreviver, pagar as contas, comer, estudar e pagar pela saúde quando esta faltava, além de eventualmente se divertir, Maria ingressa no curso de Filosofia de uma Universidade pública de sua cidade. A escolha do curso se dera pelo fato de querer entender filosoficamente, o que poderia explicar a ideologia racista e machista, além do princípio de toda intolerância ainda persistente no mundo quanto às questões de gênero e de identidade sexual e, especificamente no Brasil, com relação às religiões afro-brasileiras, que eram generalizada e perversamente chamadas de “macumba” pelas pessoas.

Olha, leitor, não sei se ela conseguiu respostas para todas essas questões, mas tenho certeza que se ela estivesse viva, nesse momento, a sua filha poderia ter uma outra visão em relação à própria identidade.

No segundo ano da faculdade, em 1999, Maria conheceu Jean, pai de Lord, também jovem, de 25 anos, branco, magro e de cabelos pretos, com 1,82 e 70 quilos. Jean era francês, proveniente do interior do país, e fazia um intercâmbio no Brasil devido ao seu doutorado. Em 1999, engravidou do seu “amor”. Tanta coisa em comum, exceto a nacionalidade. Enfim, mais tarde ela descobriria que o caráter também era exceção, pois quando Lord nasceu, o período de permanência de Jean no Brasil havia expirado e talvez por não poder perder o prazo dos estudos, ele teve que voltar para a França. O fato é que também jamais retornou ao Brasil e Maria das Flores, aquela linda jovem, se viu sozinha, tendo apenas a sua mãe para lhe amparar. Seu filho recebeu o nome de Lord, pois, se em nenhum outro homem pudesse confiar, ela poderia ter um lorde só para ela, a quem ela educaria para ser um machista em desconstrução e defensor do movimento feminista.

Maria continuou os estudos com muitas dificuldades, e, com uma criança, já não podia participar de todas as atividades estudantis extracurriculares. Ela procurou se dedicar, então, à duas coisas: à sua formação e, obviamente, ao seu Lord, razão da sua vida. Porém, em junho do ano de 2001, em Goiânia, Maria das Flores, conheceu Chico, um jovem sergipano, no Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). Ele era negro, pele clara, com 1,77 de altura, 89 quilos, cursava Geografia numa Universidade pública. Os dois foram ao Congresso representando os estudantes dos seus estados. Saíram algumas vezes durante os dias do Congresso, porém, depois disso, cada um voltou para as suas cidades. E voltaram a se encontrar somente em abril de 2002, pois Chico iria participar da discussão de uma chapa de tendência popular para a eleição presidencial que ocorreria naquele ano. Puderam se reencontrar e saíram junto algumas vezes naqueles dias, inclusive Chico visitou Maria das Flores em sua casa, chegou a conhecer D. Catarina. Contudo, nessa mesma noite, após sair da casa de Maria das Flores, Chico foi surpreendido por uma ação da polícia, que o “confundiu” com um ladrão e disparou alguns tiros que o mataram.

Bom, leitor, não é novidade a forma como a polícia age na periferia, né? Até existindo, contra isso, várias organizações sociais que denunciam a violência e a forma de atuação da polícia nas periferias e o genocídio da juventude negra. Afinal de

contas as estatísticas mostram que o número de pretos e pardos mortos pela polícia é quase duas vezes e meia maior que a de brancos, principalmente nas áreas de favela ou periferia das grandes cidades. Violência que é justificada pela polícia, devido aos chamados “autos de resistência”, que são aqueles que envolvem as mortes ao ‘enfrentamento’ da ação policial.

Maria só saberia do ocorrido alguns dias depois, quando, sem notícias de Chico, foi informada por um amigo dele sobre o ocorrido. Inconformada naquele momento com as peripécias do destino, Maria das Flores mal sabia que não era apenas com a morte de Chico que ela iria se admirar: em dois meses, ela descobriu que estava carregando um filho dele! Pobre Chico! Pobre Maria! Pobre Maria?

Dona Catarina, quando soube, ficou muito nervosa e apreensiva, pois praticamente já não conseguia pagar as contas, que dia após dia iam vencendo, principalmente num momento tão difícil pelo qual a economia do país passava. Sem contar que Maria das Flores não conseguia arrumar um emprego...

Maria, extremamente triste, até pensou em abortar, e consultou uma amiga que a estimulou:

– Se o corpo é seu, ninguém tem nada a ver com o que você faz com ele, dizia uma.

Já outra amiga a alertou, dizendo:

– O aborto no Brasil é crime, eu sei que tem mulher que aborta, toma abortivo, coisa e tal, mas a verdade é que existe sim, desde esse momento, uma grande diferença entre as mulheres ricas e as mulheres pobres: a mulher rica aborta em clínicas particulares com a cumplicidade de toda a equipe que realiza o procedimento. A mulher pobre, sozinha, geralmente tem somente a sua consciência, não como cúmplice, mas como inquisidora, e quando o *negócio* dá errado, o hospital inteiro aponta o dedo, deixam a mulher sofrer, quando não tiram os ovários para que ela nunca mais cometa aquele *pecado*. E continuou:

– Dessas estatísticas, em que as mulheres pobres e, dentre essas, as negras, são a maioria, você poderá fazer parte da pior forma, caso você venha a morrer.

O argumento da sua colega removeu de Maria das Flores a ideia do aborto, e, a partir daí, a gravidez transcorreu normalmente. Quando chegou à altura da gestação em que descobriu o sexo da criança, uma menina, Maria das Flores, sem pestanejar deu o nome de Lis à sua filha. Havia visto que a Flor de Lis simbolizava a pureza e a beleza, ainda que cercada pelo lodo, e a renovação espiritual. Tudo o que ela queria naquele momento, renovação, tanto para ela quanto para o Brasil. E ficou muito feliz quando os resultados das urnas apontaram uma renovação política que nunca o Brasil vira, principalmente pela chegada ao poder de um ex-retirante, homem que viera da seca, alguém realmente do povo e que representava a esperança da população mais pobre, por uma maior justiça e igualdade social.

Após a posse, a primeira demonstração social desse novo governo, com relação às mudanças, foi a aprovação de uma Lei que incluía o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas públicas (estatais ou particulares) do país que atendiam a Educação Básica.

Nesse mesmo dia, nascera Lis. Era nove de janeiro de 2003, dia em que se renovavam as esperanças de Maria das Flores em um país melhor.

CAPÍTULO 6

Era de manhã, e Lord acordou cedo, como sempre fazia aos sábados, para poder estudar para o ENEM antes dos outros acordarem, afinal, essa era uma das oportunidades que tinha para entrar numa universidade pública. Tinha, desde que sua mãe morrera, prometido para si mesmo e para a sua mãe que continuaria a obra dela e que cuidaria da sua irmã, a pequena Lis, como ele a chamava.

Escutou de longe uma musiquinha que ele sempre ouvia de manhã: era o seu João de Angola, como eles chamavam o caseiro do abrigo. Na verdade, João se chamava Olenka, e não era de Angola, era da República Democrática do Congo, antigamente chamado de Zaire, e de onde havia fugido, desde 2004, de uma guerra civil que assolou aquele país no começo da década de 1990. Mas as crianças o chamavam assim porque ele falava um “português” meio engraçado, devido ao sotaque. João de Angola nem ligava e se acostumou com o nome, que até achava bonito, só não gostava do complemento Angola, pois era muito orgulhoso de ser do Congo. O Congo-Kinshasa e não do Congo-Brazzaville, como era chamado o outro “Congo”, sendo o outro só República do Congo.

Ele, negro, com uma negrura bem acentuada, com os seus 1,85 e 116 quilos, alto e forte, era muito gentil com as crianças do abrigo, estava sempre alegre. O que mais gostava de fazer era cantar músicas tradicionais de seu país, que as crianças chamavam de “macumba”, por puro preconceito, pura ignorância.

Bom, a gente pode pensar que preconceito e ignorância se misturam, como na maioria das vezes, né? Inclusive, uma deriva da outra, pois é muito fácil as pessoas não conhecerem, ou mal conhecerem algo e já serem preconceituosas.

Continuando, o que ele mais gostava de fazer era cantar... E naquele dia, cedo, ele já cantava:

Bom dia começa com alegria,
Bom dia começa com amor.
O Sol a brilhar,
As aves a cantar
Bom dia.
Bom dia.
Bom dia.

Lord saiu no quintal e indo em direção àquele senhor alegre, falou:

– Bom dia João! – e complementou - , mas por favor, canta baixinho, pois desse jeito, todo mundo vai acordar cedo, e hoje é sábado e eu preciso estudar, antes que as outras crianças acordem.

– Bom dia, para você meu rapaz, João se voltou, cumprimentando o menino com aquele sotaque carregado, e continuou:

– Como ‘estar’ você?

– Tô indo, falou Lord, brincando e continuou, inclusive eu precisava conversar com o senhor mesmo. Lá na escola o professor passou um filme chamado “Hotel Ruanda”. Nossa... que forte! Me diga uma coisa: lá na África só tem guerra, é verdade?

– Olha, meu jovem, falou João pensando na resposta - Quando você fala em África, você tem que ter na cabeça que a África é muito grande, o terceiro maior continente, com mais de 50 países, sem contar com alguns territórios ainda colonizados. Além de que, nós somos hoje quase um bilhão e trezentos milhões de habitantes. Na África inteira nós somos divididos em diversas etnias, que falam de 800 a quase 2 mil línguas, divididas em cinco grupos de famílias. A minha etnia, chamada bakongo, fala uma língua do grupo níger-cardofaniana, a mais falada lá, mas existem outros grupos linguísticos como as afro-asiáticas, as khoi-san, as saarianas e as malaio polinésias. Sem contar que as próprias etnias fazem parte de grupos étnicos, como os árabe-berberes, que moram mais ao norte, os san, os khoi-khoi, os pigmeus, os etíopes e os mélano-africanos, do qual eu faço parte, que vivemos mais ao Sul do deserto do Saara e recebemos dos europeus o nome de “negros” devido à grande quantidade de melanina que nós temos, o que simplificou toda a nossa riqueza, toda a nossa diversidade cultural, que apesar de variada, temos muita coisa em comum. Como a *força vital*, ou seja, a crença que nós temos na força mágica das palavras, e na nossa filosofia, que valoriza mais a força do grupo na consciência cósmica e no agir cotidiano do que o individual, respondeu longamente Olenka.

E, continuando, falou:

– Voltando à sua pergunta, eu tenho que te falar que, infelizmente, em alguns países, há sim guerras, provocadas por uma desestruturação das nossas muitas formas de governo depois que os europeus saíram ou foram expulsos da África, depois que não mais se interessaram pelo alto custo de manter as suas colônias, ou o que, na verdade, representou o desinteresse em continuar explorando economicamente estas, comentou tristemente.

– Mas a África é tão grande que, enquanto chove numa parte, na outra faz Sol. Algumas regiões vão se recuperando aos poucos e a nova situação se aproxima com direito a um lindo arco-íris. Como é o caso de Ruanda, que naquela guerra que você viu no filme, foi causada pela estratégia de “dividir para governar”, e quando o colonizador foi embora, o povo que representava uma etnia numericamente menor que a outra, naquele pequeno país, usou o poder de forma inconsequente, o que acabou gerando um conflito que consumiu milhares de vidas de nossos irmãos, assim terminou ele a explicação, num misto de alegria, devido ao interesse do menino e tristeza, por sentir saudades de seu país, da sua família e de seus amigos, como um que havia deixado para trás, o seu melhor amigo, chamado Makaia.

– Puxa *Jão*, exclamou Lord, sabe o que eu estou pensando, você poderia ir à minha escola, qualquer dia desses, para contar um pouco sobre o seu país, sua cultura, suas histórias. Ninguém melhor para falar da cultura africana que um africano nato, e emendou, vou ver com a professora Télia, de Geografia, ela vai amar! - exclamou o menino, todo animado com a sua ideia.

CAPÍTULO 7

Naquele mesmo dia, à tarde, Lord e Lis se encontravam no salão de jogos, quando D. Geny anuncia uma visita:

– Lord... Lis... adivinhem quem está aqui, para fazer uma visitinha?, disse, animada, Dona Geny.

Quase que juntos, os dois:

– Vovó!!!, exclamaram os netos ao observar a vó Catarina entrar na sala.

– Vocês estão cada dia mais lindos, como vocês estão meus amores, como foi a semana?

Lord respondeu que na escola dele os professores estavam desenvolvendo um projeto para ser trabalhado ao longo do restante do ano sobre a pluralidade étnico-cultural em todas as turmas de cada série na escola, – falou, demonstrando muito entusiasmo.

Já Lis, um tanto quanto desanimada, falou:

– Estou indo.

Sua avó quis saber o motivo de tanto desânimo e a menina narrou tudo o que tinha acontecido em sua escola, e, com a ajuda de Lord, a avó Catarina ficava sabendo de toda a situação pela qual ela passava.

Na sequência, após mais um pouco de conversa e demonstração de carinho para com os netos, a avó Catarina procurou a diretora do Lar Amigo Francisco de Assis, a dona Terezinha.

Terezinha, uma senhora branca, 75 anos, com cabelos tingidos por causa da idade, tinha uma baixa estatura, com seus 1,54 m de altura e 55 quilos. Havia muito tempo que era a diretora do “Lar”. Ela era sempre muito bondosa e carinhosa com todas as crianças, mas ia lá apenas umas quatro vezes por semana, somente para verificar a situação da administração, que era mais acompanhada de perto pelo senhor José do Bonfim, como ela chamava formalmente o Zé dos Cocos.

Neste dia da visita da avó Catarina, a senhora Terezinha, por acaso, estava na sala da direção, quando Catarina bateu na porta:

– Com licença.

– Pois não, vó Catarina, felicidade em revê-la, o que te traz aqui nesta sala? - perguntou a Senhora Terezinha, num tom amistoso.

– Eu estou bem, mas creio que quem não está muito bem é a minha neta. Respondeu a avó Catarina, incomodada com a situação narrada pelos netos.

E continuou:

– Pois é dona Terezinha, eu estou muito preocupada com a Lis, fiquei sabendo que ela não está comendo direito e anda muito desanimada. A senhora sabe que eu não tenho condições para viver com os dois devido ao problema que a senhora sabe qual é, mas eu não quero ver os meus netos sendo destratados na escola ou em qualquer outro lugar - falou a avó.

– A senhora sabe como eles são bem acolhidos aqui, e eu quero que a senhora me conte o que está acontecendo para que a gente veja o que pode fazer – respondeu Terezinha, já preocupada.

Vó Catarina então passou a narrar com mais cuidado o que havia acontecido com Lis na escola, e pediu o auxílio da diretora do abrigo com relação ao fato. A senhora Terezinha então se comprometeu a conversar com os responsáveis da escola e pediu para que a avó Catarina pacificasse o coração sobre aquela situação de *bullying*, como ela analisou o ocorrido.

Vó Catarina demonstrou-se incomodada com aquela forma com a qual a senhora Terezinha se referiu ao caso. Sabia que não se tratava de *bullying* e sim de discriminação por causa da “cor” de Lis. E falou:

– Dona Terezinha, eu respeito muito a senhora, mas a senhora não entende que essa situação não é uma simples irritaçãozinha de criança? A Lis já não tem mãe, ela já é introvertida, talvez por sentir muito a falta da mãe, e agora essa situação de ficar sendo exposta por coleguinhas por causa da sua cor de pele, por causa dela ser negra, já é demais.

– Mas ela não é negra, ela é morena, veja a pele dela, retrucou Terezinha.

– Não, ela pode até ter a pele clara, mas ela é negra. É só olhar os cabelos dela, o nariz. Ai, meu Deus. Por isso que o Brasil não vai pra frente, os brancos como a senhora querem sempre disfarçar ou apagar a nossa negritude, respondeu deselegantemente Catarina, incomodada com aquela situação.

– Não, imagina, vó Catarina. Se eu entendi errado eu peço perdão para a senhora, mas é que eu não tenho essa visão e não entendo assim.

– É, eu sei, tem pessoas como a senhora, que não são preconceituosas, e eu sei reconhecer quem não é preconceituoso, mas a senhora nunca viveu o racismo na pele. Só quem já sentiu é que pode falar “do” racismo, enquanto vocês no máximo podem falar “sobre” o racismo.

Depois da tensão dessa parte da conversa e, para finalizar o assunto, a senhora Terezinha se comprometeu a conversar com a equipe gestora do Colégio Nossa Senhora de Casaluce para ver o que se podia fazer em relação à situação apresentada. Despediu-se da vó e esta voltou a ficar um pouco mais com seus netos, antes de ir embora.

CAPÍTULO 8

Passado o final de semana, a rotina recomeçava e, logo cedo, os irmãos levantaram e foram para suas respectivas escolas. De início, Lis não queria ir, mas o incentivo das suas colegas de quarto e do seu irmão logo a fizeram levantar, tomar café e sair.

No colégio, tudo transcorreu bem, ou mais ou menos, né. Naquela semana, nas aulas de História, a professora Bárbara abordaria o período relacionado ao Imperialismo europeu, no século XIX, também chamado de Neocolonialismo.

Na aula da segunda-feira, usando a lousa virtual, a professora projetou o mapa da África e perguntou o que os alunos conheciam sobre aquele continente, iniciando um debate em sala de aula. Alguns alunos começaram a falar:

– Lá só tem preto de cabelo ruim, dizia um, aos risos.

- Ih, prô, lá só tem pobreza, fome e miséria, dizia outra aluna, de forma séria.
- Meu pai sempre falou que lá só tem animal feroz, leão, girafa, hipopótamo, rinoceronte e gente selvagem que só vive em tribo, respondeu outro.
- Não é de lá que vieram os parentes “macacos” da Lis?, falou Bianca, a mesma que já havia “destratado” a Lis nas últimas semanas.

Nesse momento, Lis levantou e saiu chorando da sala, depois ter se mostrado incomodada com o assunto desde o início da aula. A professora tentou conter a menina, mas não adiantou, esta saiu correndo, sem conseguir esconder o choro.

A professora Bárbara, então, pediu para uma das colegas ir atrás dela e pedir que voltasse para a sala aula, algo que, naquele dia, não aconteceu.

Bárbara, desconcertada com aquela situação e com a chuva de preconceitos que havia presenciado naquela *brainstorm*, sentiu que teria muito trabalho para mudar aquela situação, mas como a quase totalidade daqueles alunos eram brancos, vindos de uma sociedade que, apesar de não admitir o racismo, era altamente preconceituosa - isso podia ser facilmente constatado nas falas dos alunos. Sabia que teria que conversar com a direção sobre aquela situação.

Após essa reflexão interna, continuou com a aula, tentando controlar a sala, que havia ficado tumultuada, com muitos risos e brincadeiras.

Nos dias que se seguiram, percebeu que Lis permanecia pouco atenta durante as aulas. Mas continuou “tocando” o conteúdo.

Explicou que o Imperialismo foi um processo de expansão do sistema econômico capitalista que resultou na conquista e dominação dos continentes africano e asiático e numa nova forma de política com relação à América. Contou que o objetivo principal foi o de exportar os excedentes da produção dos países industrializados, sendo que justificavam a dominação colonial como “fardo do homem branco”, ao ter que levar para aquelas regiões distantes com “povos atrasados”, “bárbaros” e “inferiores”, a “Missão Civilizadora”.

Na verdade, leitor, além, de não ter querido se comprometer com a situação de conflito apresentada, devido ao medo que tinha dos pais daqueles alunos, coitada, a professora Bárbara, não se aprofundou na desnaturalização em relação ao surgimento do racismo, enquanto um conceito, produto da ciência racialista do século XIX. Não contou como surgiu o termo raça, que hoje já sabemos, graças às próprias Ciências da Natureza, que há somente uma raça, a humana, mesmo que, ao longo do tempo, a “raça” tenha sido usada para classificar os povos do mundo em quatro cores - branca, preta, amarela e vermelha -, a partir da ideia de diferenças naturais entre os tipos humanos, com base em sua aparência. E além de classificar, criou também uma hierarquização entre elas, em que a raça branca era superior e as outras, inferiores. Estava assim criado um mecanismo para o racismo, que até os dias de hoje, infelizmente está presente no mundo e também é base das desigualdades sociais e econômicas na grande maioria dos países, como o Brasil, que utilizaram a mão-de-obra dos negros, no período escravocrata. Porém, hoje, este termo é ressignificado entre a população negra, como um mecanismo de elevação da autoestima, construção da identificação e elemento de valorização.

CAPÍTULO 9

Já na escola Nina Rodrigues, a situação vivenciada por Lord era bem diferente. Naquele mesmo dia, por exemplo, na aula de matemática, a professora Roseli continuava com uma sequência da aula em que apresentava o Mancala, um jogo africano, originalmente desenvolvido pelo povo egípcio, que, como ela havia falado na aula anterior, significava “mover” ou “transportar”. Nas aulas anteriores, ela havia afirmado que o Mancala era um nome para quase 200 jogos de tabuleiro, pensados e jogados no continente africano.

Houve, para a aula, toda uma preparação, desde um vídeo, para ensinar a dinâmica do jogo, até a confecção dos tabuleiros e peças para que o jogo pudesse ser jogado. Roseli, sempre que podia, para ensinar matemática, pedia para os alunos trazerem materiais recicláveis para serem usados em sala de aula, e, desta vez, não havia sido diferente: ela pediu para os alunos trazerem caixas de ovos para fazerem de tabuleiros. Na aula daquele dia, a professora organizou os alunos em grupos, ainda que a dificuldade imposta pelos 42 alunos, como contava no diário de chamada, prejudicasse a atividade pensada.

Com os alunos enfim organizados, Roseli conseguiu iniciar e desenvolver a atividade.

...

Na parte da tarde daquela segunda-feira, a Diretora, a professora Márcia, havia convocado uma reunião para tratar também da Mostra Cultural, que tinha como intenção a valorização das diversas culturas presentes na formação do Brasil, a partir da afirmação das diferenças e contribuição que cada uma delas trazia de importante para a vida de todos.

Apesar dessa sua concepção de escola e sociedade, a professora Márcia, sabendo da realidade de muitos alunos, que vinham da periferia para estudar naquela escola, mais central, por não haver escolas de ensino médio em algumas regiões da cidade, obrigando os alunos a grandes deslocamentos, como era o caso de Lord, deixava muito à vontade aos alunos, orientados pelos professores, que decidissem os principais temas abordados na Mostra Cultural.

Lord, naquele ano, era um dos representantes dos alunos no Conselho de Escola e sempre que podia dava as suas opiniões e sugestões.

Antes da reunião começar, enquanto se esperava outros membros que estavam atrasados, Lord fala para a professora Márcia:

– Puxa professora, eu fico até nervoso quando a senhora pede pra me chamar na sala de aula, eu sempre penso que eu fiz alguma coisa de errado!

– Imagina, Lord, você é um menino muito bacana e tem nos ajudado muito a mudar a nossa escola para melhor, respondeu a diretora, que gostava de ser chamada de professora.

– É prô, iniciou Lord pensativo, muita coisa mudou por aqui depois que a senhora entrou no ano retrasado, eu até lembro quando a senhora chegou no meio

do ano, todo mundo ficou meio “cabreiro”, apesar que aqui era normal a troca de diretor. Naquele ano mesmo a gente já tinha passado por uns dois.

– Sabe o que é, Lord, muitas vezes o serviço público fica condicionado a várias situações e burocracias que impedem um bom trabalho, mas o que interessa é que, hoje, estamos aqui para melhorar a escola, independente de quanto tempo eu fique por aqui. Você sabe que o diretor desta escola está trabalhando na Diretoria de Ensino, né? E a gente nunca sabe quando “aquelas situações” que eu te disse vão mudar, mas o que importa é que, independentemente delas ou dos diretores, professores e funcionários de uma escola, que podem mudar constantemente, a comunidade participe sempre da vida da escola, para que ela se mantenha sempre de boa qualidade, pois eu acredito nisso. Uma escola pública, gratuita e de qualidade para todos!, disse, firmemente, a diretora.

E continuou:

– Eu lembro também que você não era tão participativo, muito pelo contrário, né “seu” Lord?, falou a professora, acompanhando a cara de encabulado do aluno, que tinha sido muito bagunceiro.

– É prô, mas eu melhorei né? E graças à senhora, que sempre foi *mó* firmeza comigo.

– Não, Lord, você é o responsável por você mesmo. Você apenas precisava de uma oportunidadezinha, falou Márcia, piscando para Lord.

Depois que todos, ou quase todos chegaram para a reunião, a professora Márcia iniciou o encontro.

CAPÍTULO 10

Como a reunião foi um pouco demorada e abordou vários assuntos, eu prefiro, leitor, que você tome conhecimento dos detalhes por meio de seu próprio registro:

ATA da Reunião Extraordinária do Conselho de Escola e da Associação de Pais e Mestres (APM), da Escola Estadual ‘Nina Rodrigues’, realizada no dia Vinte e Dois de Maio de Dois Mil e Dezessete, às 15:30 horas em segunda chamada na sala de Informática, sob a presidência da Sra. Márcia Francisca Rosa Peres, Diretora da Unidade Escolar. Nesta data, foi feita a leitura da ata da reunião anterior e ratificada aos presentes os itens da pauta da presente Reunião, como segue: 1) Aprovação do Balancete referente aos meses de março e abril da APM; 2) Alteração do Calendário Escolar. A Senhora Márcia iniciou a reunião informando aos membros, mediante a apresentação de todas as pastas com os devidos documentos (notas fiscais, extratos bancários, entre outros) referentes aos gastos realizados pela Escola nos meses de março e abril, de acordo com os valores liberados pelo governo em cada verba para atender as prioridades da escola. Após a verificação dos documentos, os membros aprovaram a prestação de contas. A

seguir, foi passado para o outro ponto de pauta, a alteração do calendário escolar. Com relação a este item, a diretora solicitou que um dos alunos expusessem os motivos que os levaram a solicitar a alteração da data da Mostra Cultural, que inicialmente estava marcada para o dia vinte e cinco de novembro para o dia vinte e um de outubro. O aluno Lord Félix D'Castro Alves, do 3º Ano C, com a palavra, expôs que os alunos do 3º Ano queriam participar da festa, mas, ao mesmo tempo, estavam preocupados com a proximidade da data do evento com aquelas relativas aos exames do ENEM e outros vestibulares. Assim, com a ajuda do Grêmio dos alunos da escola e de alguns professores, os quais incentivaram que trouxessem este tema para ser debatido no Conselho de Escola, eles estavam solicitando que pudesse haver a alteração de data da festa. A Senhora Márcia, com a palavra, parabenizou os alunos pela organização e disse estar feliz com o crescimento deste espaço como um espaço democrático, e, referindo-se à festa, parabenizou a equipe escolar pela conscientização sobre a necessidade de procurar construir uma identidade positiva nos educandos, ajudando a transformar, por meio da educação, um pouco das realidades vivenciadas pelos mesmos. Por fim, disponibilizou a palavra para quem quisesse se manifestar. A professora Aparecida, com a palavra, achou que antecipar a festa atrapalharia a dinâmica da escola; o professor Zeca, na sequência, concordou com os alunos e disse que, sem a ajuda destes, a festa não seria produtiva e assentiu com a possibilidade da mudança. Já a senhora Vera, mãe de aluno, concordou com a mudança e perguntou se não haveria nenhum risco em se mudar a data da festa. A professora Márcia disse que, inicialmente não, e que o conselho era soberano para decidir sobre a alteração. Nesse sentido, colocou a pauta em votação, e, por ampla maioria de votos dos membros, a alteração foi aprovada. A diretora Márcia, oferecendo a palavra e ninguém mais querendo fazer uso, encerrou a reunião e eu, professora Lorena, secretariei a presente reunião e assinamos esta Ata junto aos demais presentes. 22/05/2017.

CAPÍTULO 11

Naquela mesma semana, vó Catarina voltou a conversar com a senhora Terezinha, diretora do abrigo, que havia se comprometido, no último encontro, a conversar com a direção do Colégio N. S. de Casalucce, a fim de que a “história do *bullying*” contra a Lis, como ela havia nomeado o caso inicialmente, e que a avó considerava racismo, fosse solucionada.

O *bullying*, leitor... como eu poderia ser menos formal na definição? ... é uma violência originada no ambiente escolar, em que alguém agride e intimida, intencionalmente, outro alguém, trazendo danos para o que “sofre a agressão”.

Bullying, no presente caso, não está fora de contexto, mas, sabe, leitor, tanto a vó Catarina como a sra. Terezinha, estão com a razão. O que separa a visão de cada uma são suas histórias de vida. Com certeza, a sra. Terezinha, apesar de já ouvir falar em preconceito e racismo, talvez nunca tenha vivenciado alguma situação limite em que tivesse que se posicionar com relação à discriminação racial. Porém, em momento algum, ela se furtou de suas responsabilidades humanas e profissionais, e, eticamente, estava agindo para resolver a questão relacionada à Lis, afinal de contas, ela acredita num mundo bem melhor. Sua ação vai no sentido de garantir uma vida boa e digna para Lis e todas as suas crianças no abrigo, de forma que consigam - por meio das oportunidades e da bondade - tudo o que desejarem.

Já a vó Catarina, com os seus oitenta anos, além de ser bisneta de escravizados, traz na memória o que ouvia quando pequena, e o que desde sempre vivenciou. A situação de exclusão do negro, em nossa sociedade, muitas vezes patrocinada pela própria ação e omissão histórica dos governos brasileiros, que nunca ou quase nunca se mobilizaram para dar mais qualidade e dignidade para a população negra, entendendo, talvez, desde a abolição da escravatura e o início da República, que a igualdade na lei era o suficiente para não fazer nada, nada que pudesse corrigir uma injustiça histórica, e, assim, serem entendidos como discriminadores. E olha que a democracia racial é o nosso grande orgulho nacional!

Em sua memória, ela também traz o entendimento que, nessa democracia racial, o negro é identificado nas estatísticas como pobre, o pobre como bandido e, como se fala, “bandido bom é bandido morto”.

Assim, a senhora Terezinha contou à vó Catarina que procurou a direção da escola onde Lis estuda, expôs a situação, disse que a menina estava cada vez mais introvertida, menos sociável, não querendo mais comer nem ir à escola. No começo, houve certa resistência, por parte da escola, em aceitar a situação, mas mesmo assim o colégio se dispôs a iniciar as providências. Como a menina era órfã e o “Lar” é que tinha a guarda dela, o Estatuto da Criança de do Adolescente poderia ser utilizado como garantidor de direitos da menina. Assim como também, as leis, que tinham modificado a “Lei da Educação”, obrigando o trabalho com a diversidade histórica e cultural na sala de aula, de forma a se pensar numa sociedade mais plural, que valorizasse a história e cultura africana, afro-brasileira, e porque também não... a afro-indígena.

Após ouvir um argumento tão forte, por parte da diretora do abrigo, a diretora do colégio não teve como não se comprometer em verificar o que estava ocorrendo, prontificando-se a tomar as medidas administrativas e pedagógicas adequadas.

Dito isso, e na esperança de que tudo fosse resolvido, as duas se abraçaram e combinaram de continuar a se encontrar periodicamente para acompanharem os avanços com relação à Lis. Vó Catarina estava bem emocionada e falou:

– Muito obrigada, sra. Terezinha, e junto com “eles”, eu sei como fazer a minha parte e trazer essa menina para gente, de volta!, e saiu dando uma piscada de olho e com o coração emocionado.

CAPÍTULO 12

Após a conversa com a senhora Terezinha, vó Catarina subiu para ficar com a neta, antes de ir embora. Entrou naquele quarto todo colorido, decorado por todas as meninas que dormiam ali, com pôsteres e fotos dos ídolos de cada uma. Viu pôsteres de artistas da televisão, cantores, desenhos animados, e reparou que todos os sonhos de consumo daquelas garotas estavam relacionados ao que a televisão vendia, e, tirando uma foto do ator Will Smith, ainda como personagem de uma série antiga, que ainda passava na televisão, pois ali ele estava muito mocinho, ela não havia reparado nenhuma outra imagem de algum elemento da cultura negra.

Entrou, olhou a menina - o quarto estava vazio, sábado era o dia em que as crianças mais ficavam nas áreas comuns, brincando e se divertindo - e percebendo-a triste, pensou:

– Deixa estar minha querida, pois “nenhum sofrimento é tão eterno que não acabe”, pensou Vó Catarina, lembrando-se de uma expressão antiga.

Sentou na cama e colocou a cabeça da neta sobre as suas coxas, e acariciando a fronte de Lis começou a contar uma história. História de uma mulher guerreira, linda e poderosa que havia vivido na África:

– Era uma vez, Lis, uma mulher guerreira que lutou pela liberdade de seu povo, contra a opressão dos portugueses ao seu reino. Como desde pequena ela teve de enfrentar o poder masculino, ela se tornou forte, nunca se subordinando a homem qualquer. O nome dela era Nzinga, e a história conta que, antes de se tornar rainha, foi enviada pelo seu irmão para negociar a paz entre o seu reino - Ngola - e os invasores portugueses, representados por um governador-geral, na cidade de São Paulo de Luanda, cidade fundada pelos portugueses para explorar aquela região da África. Os portugueses a receberam com grande estilo, digno de uma celebridade de hoje em dia. Chegando para a reunião, percebeu que na sala da autoridade portuguesa só tinha cadeira para uma pessoa, restando para ela apenas algumas almofadas. Como ela não levava desaforo para casa, ordenou a uma súdita que se ajoelhasse e se sentou sobre ela, não ficando inferiorizada perante o representante português. Inteligente e decidida, ela saiu da reunião deixando bem claro que o seu povo não abaixaria a cabeça para o rei de Portugal. E assim foi feito. Depois, como rainha, ela mesmo lutava nas frentes de batalha. E o seu reino só foi conquistado após a sua morte, aos 81 anos.

Vó Catarina passou mais tempo contando outras histórias da Rainha Nzinga - que muitos acreditavam ser um mito - que retratavam a força da mulher na África, tendo ainda como exemplo histórias de tantas outras mulheres, como Cleópatra no Egito, das Rainhas-mãe, também conhecidas como Candaces, no Império Cush, e protagonistas de suas próprias histórias, dentro da história da humanidade.

– Nossa, vó, que legal essas histórias, de onde era essa rainha “Inzinga”?, perguntou a menina, mudando a feição.

– Ela morava onde hoje é o país chamado Angola, essa história se passou lá pelos anos de mil seiscentos e pouco...

– E como a senhora ficou sabendo? A senhora conhece outras histórias? Agora até que eu fiquei animada!, falou Lis alegremente.

– É, meu amor, são muitas histórias na África, com muitos mitos, muitas lendas, muitas verdades... pois o povo africano e sua cultura são muito diversos e de uma riqueza infindável, falou Vó Catarina com uma voz suave e misteriosa.

E, continuando, disse:

– Quais as verdadeiras e quais são as imaginadas, é muito difícil de saber...

– Vó, e como é que a senhora sabe tanto destas histórias? , perguntou Lis.

E, disparando na sequência, perguntou:

– A sua vó também te contava essas histórias?

– Sim, filha, algumas.... algumas... outras eu fui buscar, acessei no mundo encantado, respondeu vó Catarina, de forma misteriosa e consciente da desconfiança da neta.

Lis voltou a perguntar:

– Mundo encantado, vó? Que mundo é esse?

E vó Catarina respondeu:

– Esse mundo também é chamado de mundo espiritual.

E Lis:

– E esse mundo existe?

– Minha querida... a religiosidade, em grande parte da África, era baseada na crença no sobrenatural e este mundo estava ligado ao mundo natural, dos humanos, das coisas concretas e parte da vida social e cultural das pessoas eram por ele orientadas. Hoje, muitos de nós, herdeiros daqueles que foram trazidos para essas terras, ainda acreditamos nessas formas de experienciar a vida, em que as nossas ações são, em parte, orientadas pelo mundo religioso, explicou carinhosamente Vó Catarina para sua neta.

E respondendo à pergunta da neta, continuou:

– Quanto à sua pergunta, Lis, fé e livre-arbítrio andam juntos. Quem quiser acreditar, que acredite, quem não quiser, que siga o seu caminho com muita bondade no coração, respondeu, levantando a cabeça da neta de seu colo devagarinho, ao mesmo tempo em que se levantava para ir embora.

E, com uma feição enigmática, saiu dizendo:

– Boa noite, para quem é de boa noite e bom dia, para quem é de bom dia, Lis! Até semana que vem, meu anjo, fique bem, pois tudo está caminhando para um final feliz!, falou a avó Catarina, já fora do quarto e começando a descer as escadas, em direção `a saída.

Depois que a avó saiu, Lis ficou durante um bom tempo pensativa, como se estivesse meditando. Talvez essas histórias contadas pela vó Catarina tivessem começado a mexer profundamente com ela.

CAPÍTULO 13

Os meses se passaram e as coisas pareciam tomar um rumo melhor. Lis revelava-se cada vez mais confiante na escola, com a nova postura adotada pela direção. Sentia que seus professores, aos poucos, passaram a se importar mais com ela, não apenas por dó ou outros sentimentos de pena, devido à sua condição, mas sim por causa do seu potencial. Talvez o que faltava era dar mais oportunidades para aquela menina pobre, moradora de orfanato e negra, de forma que ela pudesse demonstrar mais as suas competências, sem conceitos prévios, sem preconceito.

...

Na aula de Ensino Religioso, o professor Marcos pediu para que os alunos definissem o que era um herói. E, a partir desse momento, passou a questionar os alunos se eles conheciam algum herói que tinha todas as forças da natureza. Os alunos falaram que não e que cada um tinha uma habilidade.

O professor, então, pediu para que os alunos passassem a dar exemplos.

– Pantera Negra, disse Willian.

– Super-Homem!, responderam Maurício e Aline, quase que simultaneamente.

– A minha mãe, brincou o Joãozinho. Todos riram neste momento...

Continuando, o professor pediu que eles citassem as forças da natureza que cada herói citado controlava...

Depois, passou a falar que a sociedade e os jovens da atualidade não eram diferentes das outras sociedades com a sua juventude... e passou a contar que, ao longo do tempo e do espaço, as várias culturas sentiram a necessidade de produzir os seus heróis. Citou “heróis” da Grécia antiga, de Roma, também citou alguns heróis hindus, astecas e iorubanos. E falou que, com o passar do tempo, esses heróis passaram também a serem chamados de deuses...

E solicitou que cada aluno pesquisasse a história de um herói de diferentes sociedades. Para a próxima aula, se caracterizassem ou trouxessem histórias de algum herói, com os seus elementos, poderes e pensamentos.

...

Na outra aula, alguns dos alunos vieram caracterizados...e todos se apresentaram. Chegando a vez de Lis, caracterizada de Iemanjá, ela contou a história dessa divindade, chamada também de Orixá pelos povos iorubanos e brasileiros, seus devotos, tanto no Candomblé como na Umbanda, conforme a sua avó havia lhe contado, no dia da última visita.

Aline, uma outra aluna, falou que a sua família sempre no fim do ano acompanhava uma festa de Iemanjá. Já Patrícia falou que o seu pai também participava de uma festa de Iemanjá, só que em fevereiro.

O professor interveio e contou que, dependendo da forma que essa heroína foi apropriada e interpretada na prática dos diversos grupos dentro do sincretismo religioso na cultura brasileira e nas diferentes regiões do país, o dia em que se comemorava e se rendiam homenagens a essa heroína eram diferentes mesmo.

E continuou:

– Mas o que importa é que, independentemente do local e da época em que os heróis foram pensados, aclamados ou cultuados, o importante é considerarmos que as pessoas só desejam uma coisa para o mundo em que elas estavam vivendo.

– E o que era professor?, perguntou o Joãozinho.

– A construção de um mundo bem melhor, focado na verdade do amor, afirmou o professor, pensativo e desconfiado com a atenção que Joãozinho lhe prestava.

E disse ainda:

– Se cada pessoa se espelhasse em seus heróis e, a partir deles, dia após dia, como uma formiguinha, pensasse e agisse com coragem, focando na justiça, liberdade e paz, com respeito e dedicação às pessoas do seu lado, pode ter certeza que o nosso mundo seria um lugar em que as pessoas não discriminariam, não roubariam, não matariam, não trairiam, enfim... não fariam nenhum mal umas às outras, coisas que a gente vê no mundo aí fora. A gente praticaria apenas a bondade e teríamos um mundo de paz.

– Professor, e se eu não quisesse ter nenhum herói?, perguntou o Joãozinho.

– Sabia que você iria fazer uma pergunta “fora da curva”, bonito, respondeu o professor, brincando com o seu aluno, e disse:

- Ainda assim, João, essa pessoa poderia focar em tudo isso que eu falei e praticar a bondade. A única diferença é que algumas pessoas pensam que não precisam se espelhar em nenhum herói para ajudar a construir um mundo bem melhor.

Soou o sinal...

O professor e os alunos se despediram e se organizaram para sair para o intervalo.

No pátio, onde as crianças se socializavam na hora do intervalo, sob o sol daquele mês de setembro que se iniciava, no meio da manhã, prenunciando a primavera, entre nuvens esparsas e querendo brilhar, Lis escutou o seu nome ser chamado.

– Lis!!!, chamou Bianca, ainda de longe, mas já se aproximando.

– Oi, disse Lis espantada, pois se lembrou que era Bianca a menina que sempre ‘zoava’ com ela.

– Tudo bem, Lis, eu só queria dizer que adorei a sua explicação. Sabe, acho que não tenho sido muito legal com você, mas é que, sei lá, eu tinha medo de me compararem com você. Você sempre foi uma menina tão estudiosa, inteligente, que eu pensava que poderia ser deixada de lado pelos colegas se eles *hashtag* focassem só em você.

E continuou:

– Tudo bem? Você me perdoa?, perguntou, após se declarar de forma sincera.

– Ok! Sem mágoas, tudo passa, o importante é que você deve ter refletido sobre as suas ações e está procurando mudar, este é um bom exemplo disso. Além do mais, eu também sempre quis ser sua amiga, mas como você era nova na escola e não me deu esta chance... sabe, “fiquei de cara” com o seu jeito em relação a mim..., mas, *bora* viver juntas, a partir de agora.

– Amigas?, perguntou Lis.

– Amicíssimas!, respondeu Bianca, após tudo estar esclarecido entre as duas novas amigas.

CAPÍTULO 14

Lord também demonstrava muita satisfação e envolvimento com os acontecimentos em sua escola, os preparativos para a Mostra Cultural estavam indo de vento em popa e agitando todos os estudantes. Dentro de poucas semanas, a exposição dos Projetos desenvolvidos em parceria entre professores e alunos, com o suporte da Equipe Gestora, iria propiciar uma verdadeira festa do conhecimento.

Naqueles dias, numa aula compartilhada entre o professor Jorge, de História e a professora Lorena, de Português, os alunos estavam fazendo uma atividade de leitura dramática do poema “Navio Negreiro”, que o poeta Castro Alves concluiu em 1868. A ideia era mostrar aos alunos que a escravidão, que produziu marcas profundas na nossa sociedade, sempre foi questionada e combatida por diversos meios e de várias maneiras.

Após a leitura dramática do poema, o professor Jorge mostrou, no *Power Point*, um de seus trechos:

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! Noites! Tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão.

E falou, após alguns segundos, esperando que os alunos lessem:

– Castro Alves foi um dos poetas que mais se posicionou contra os absurdos do escravismo. Vejam que, nessa passagem, ele, em diálogo com Deus, procura, meio que desnortado, compreender o incompreensível e clama que essa divindade, com o seu suposto poder, que ele era crente, apagasse toda aquela história de sofrimento, da desgraça de um povo, como se apaga com uma borracha um escrito, como uma tempestade varre tudo o que vê pela frente.

– Professor..., pergunta Lord. E Castro Alves era branco?

– Olha, Lord, o professor começou a responder. Você sabe que a sociedade era muito preconceituosa naquela época, e, muitas vezes, para você chegar a ter um lugar de destaque, era necessário disfarçar a condição de negro. Sabe, nenhuma biografia traz essa informação tão precisa, mas, observando as imagens desse poeta baiano, que passava pó de arroz no rosto para parecer mais pálido, como se dizia, podemos pensar que ele era um tipo, assim como você, que tanto pode ser apontado

como branco, como pode ser apontado como negro, dependendo da hora e lugar onde você estiver.

– Ê professor, eu sou negão, não me tira, não!, brincou Lord com o professor, escutando os risos dos seus colegas.

– Hahaha!, gargalhou o professor

– E, com certeza, os porteiros vão sempre falar para você tomar o elevador de serviço, falou o professor, ainda com lágrimas nos olhos, do momento de riso.

– Mas, voltando ao que interessa, Lord, vários brancos e negros daquela época brigaram contra a escravidão, eram os chamados abolicionistas. Da mesma forma como vemos hoje, havia muitas pessoas que não concordavam com o preconceito, a discriminação e o racismo. É questão de assumir uma consciência de que todos somos diferentes, mas nada justifica, no cotidiano ou perante a lei, um tratamento desigual, pois diferença e desigualdade são palavras completamente diferentes, principalmente no que diz respeito à nossa humanidade, explanou o professor.

A professora Lorena, concordando com o professor, aproveitou para ler um trecho de uma fala da escritora Eliza Lucinda, numa homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus, que escreveu a obra “Quarto de Despejo”:

Quem se envergonha do longo período da ‘holocáustica’ escravidão negra brasileira deve se apoiar numa verdade pouco dita: sempre haverá durante a história, aqueles que não suportavam a barbárie acontecida nos seus quintais, nas senzalas de suas casas. Não admitiam a tortura e a matança cotidiana dos negros nos bastidores da casa grande. Este crime cotidiano incomodou a muitos libertários da época: utópicos humanistas, sinhás que se apaixonavam pelos negões e com eles fugiam, gays, poetas, abolicionistas brancos, jovens e velhos de todo tipo, que tinham um lugar no quilombo e de lá lutavam pelo fim da escravidão. Portanto, os brancos que se incomodam com isso, lembrem que podem ter no sangue a herança de abolicionistas. (Eliza Lucinda)

– Essa posição, gente, continuou a professora, após a leitura, é muito significativa, pois deixa claro que o negro não está sozinho na luta contra o racismo. Todos nós, sejamos negros, brancos, descendentes de asiáticos ou indígenas, devemos nos posicionar sempre contra as injustiças do panorama que a humanidade produziu e continua produzindo até hoje.

– Mas continuando a nossa atividade, e pensando na nossa apresentação para a Mostra Cultural, eu gostaria que vocês se dividissem em cinco grupos e escolhessem uma parte do poema para montar um esquete e dramatizar, seguiu assim adiante com a atividade a professora Lorena.

CAPÍTULO 15

No fim de semana, Lord estava sentado em frente ao computador quando Lis chegou e perguntou:

– Oi, Lord, irmãozinho, o que você está fazendo, baixando mais músicas?

– Não, mana, estou fazendo uma pesquisa para as aulas de Sociologia e Química, respondeu Lord, meio atento ao que estava fazendo.

– Nossa, tá tão difícil assim, irmão, posso te ajudar?, perguntou, solícita, a irmã.

– Não, agora *tá* suave. É que os *prô* pediram para cada grupo fazer uma campanha contra o racismo, usando uma explicação científica ou sociológica, e eu estou pesquisando um *cara* aqui, um grego, chamado Leucipo de Mileto, que ninguém tem certeza se ele existiu ou era um outro nome de um outro filósofo, chamado Demócrito, ele ou eles defendiam que tudo o que existe no mundo é feito de partículas indivisíveis, os átomos. Possivelmente, esse Leucipo, que viveu no século V a.C., tenha sido o primeiro filósofo a defender essa tese dos átomos, que ele pensava ser indivisível, mas hoje a ciência moderna já demonstrou que não é bem assim, que o átomo pode sim, ser dividido, isso, graças à descoberta da radioatividade no século XX, explicou Lord, animado, para Lis. Mas isso já é outra conversa, falou.

– Ué, Lord, se isso que você está dizendo é verdade, a gente pode pensar que todos nós somos formados pela mesma “coisa”, brancos, negros, indígenas e orientais, como os japoneses e chineses, por exemplo. E isso é o que nos faz ser iguais na nossa formação humana. É daí, então, que vocês podem começar a fazer a campanha, não é?, falou Lis, procurando ajudar o irmão.

– Verdade, Lis, bem pensado. Se a gente considerar que somos todos iguais na nossa constituição, nada pode ser justificado para falar, por exemplo, que um grupo ou uma raça é superior à outra, ao mesmo tempo que todos nós somos diferentes, em algum aspecto.

– Vou terminar a pesquisa aqui e vou pedir para a dona Terezinha deixar eu ir na casa dos meus amigos, para que a gente possa montar a campanha prá apresentar para os professores durante a semana.

– Uhuuu!, comemorou Lord, que saiu agradecendo a ajuda da sua irmã.

...

Logo após o almoço, Lord já estava de saída para fazer o trabalho escolar quando viu a sua avó chegar. Pediu a benção, deu um beijo na testa dela - demonstração de carinho que ele sempre teve por aquela mente brilhante, que ele adorava. Explicou o motivo de sua saída apressada e foi embora.

De longe, vó Catarina observou a sua neta brincando com as outras crianças e ficou contente pensando nas mudanças de atitude e semblante apresentadas pela neta ao longo dos últimos meses. A menina se mostrava mais alegre, disposta e confiante, e na escola voltara a ser a mesma aluna aplicada de sempre.

Lis viu a sua avó na entrada da área de convivência, parou de brincar com as amigas e veio correndo dar um abraço nela.

- A benção vó, falou respeitosamente a garota.
- Deus te abençoe, minha neta. Como é que você está minha querida?, respondeu a avó, emendando a pergunta.
- Tudo bem, o Lord saiu para fazer um trabalho de escola.
- Eu vi, nos encontramos antes dele sair.
- Vó, sabe, eu fiquei muito curiosa com algumas coisas que a senhora me falou para eu fazer o trabalho sobre lemanjá. A senhora pode me falar mais algumas coisas?
- Sim, querida, o que você quiser e o que essa preta velha souber responder.
- Vó Catarina, como é que a senhora sabe tanta coisa da África, a senhora já foi para lá?
- Não, querida, eu não nasci lá e nunca fui para a África, mas a minha avó, que já tinha nascido no Brasil, contava muitas histórias que a avó dela, nascida onde hoje é Angola, contava.
- A sua avó foi escrava?, perguntou a menina, com um ar de curiosidade.
- Não, Lis, ela já nasceu depois da lei assinada pela princesa Isabel, a famosa Lei Áurea, aquela que, como dizem, acabou com a escravidão no Brasil. Digo “como dizem” porque ela apenas encerrou um longo período de escravismo no nosso país, mas não fez nada para ajudar o negro a viver na nossa sociedade com mais dignidade. No dia treze foi aquela festa, mas no dia catorze, foi aquela tristeza e muitos sem ter nem para onde ir, onde morar, como viver. Foi muito triste realmente.
- Lis continuou com mais perguntas.
- Foi a sua avó que te ensinou tudo isso?
- Algumas coisas foi a escola, que eu frequentei até a quarta série, mas muita coisa veio de geração para geração. Sabe, Lis, uma qualidade que marca a nossa cultura de origem africana é a oralidade, que permite que os saberes materiais e espirituais sejam transmitidos, graças à fala e à escuta, que são valorizadas. Outra característica é a ancestralidade, os mais velhos são respeitados por serem testemunha do tempo passado, serem aqueles que carregam o mistério da vida, através da memória, assim como eu trago histórias da avó da minha avó e assim por diante. Muitos são os saberes que os negros trouxeram da Mãe África, como a ludicidade, que é o jeito de não perder a esperança na vida, tendo o sorriso, a dança e a brincadeira como exemplo do desejo de ser feliz. A circularidade, representada pela roda, de capoeira, por exemplo, e a roda marca, ao mesmo tempo, o início e o fim, aspectos de que a vida é marcada por um eterno recomeçar. Temos também a corporeidade e a musicalidade, que a gente tem mais conhecimento, mas que são muito importantes nas formas de ver o mundo das culturas africanas. Mas são três os saberes que eu tenho em mim que são fundamentais você saber: a ‘religiosidade’, ou seja, na África tudo é sagrado e a religião se apresenta para ajudar o homem na luta cotidiana da vida. A natureza, que se apresenta para garantir a energia vital para o processo que se chama vida, e essa ‘energia vital’ recebe o nome de AXÉ. E, por fim, o ‘comunitarismo’, ou seja, a conduta que nos leva a procurar conviver sempre procurando pensar mais no coletivo do que no indivíduo, conduta expressa na

expressão *ubuntu*, que significa a “humanidade para com os outros”, ou seja, eu sou eu porque somos nós!

E assim a Vó Catarina continuou explicando para a sua neta outras influências da presença do negro na ciência, nos modos de curar doenças, engenharia, arquitetura, estética, culinária e a principal, a afetividade.

Como de costume, a avó Catarina somente foi embora ao final da tarde. E naquele dia, voltara muito feliz por ter tido a oportunidade de compartilhar aqueles conhecimentos com a sua querida neta.

CAPÍTULO 16

Enfim, chegara o grande dia na escola de Lord, o dia da Mostra Cultural. Toda a escola estava organizada para receber os alunos e seus familiares, que teriam um dia diferente para aprender o que seria mostrado ali. Todos haviam se dedicado bastante para que o resultado fosse o melhor possível.

A diretora, a professora Márcia, havia saído no começo da semana para comprar alguns materiais para a decoração da escola e outros materiais escolares de última hora. A Coordenação Pedagógica e os professores estavam envolvidos com a finalização dos projetos que seriam mostrados à comunidade.

Nossa! Como sempre, era uma bagunça organizada, devido à saída da rotina, os alunos circulavam o tempo inteiro pelos corredores para montar e decorar as salas para as exposições ou para ensaiar alguma apresentação. A verdade é que todo aquele movimento deixava os inspetores bastante apreensivos, afinal de contas, eram eles os responsáveis pela ordem nos corredores.

Como não poderia deixar de ser, entusiasmado, Lord foi um dos primeiros a chegar à escola, ao passo que, aos poucos, todos começaram a chegar.

Quando viu Lord, a diretora Márcia logo falou:

– Você já está aqui, Lord, parece que dormiu na escola!, sorriu brincando, ao mesmo tempo em que começava a dar uma volta pela escola para conferir com o aluno como havia ficado a arrumação das salas.

– Pois é *prô*, eu estou tão feliz com tudo o que eu aprendi nesses meses... e agora, vendo a possibilidade de várias outras pessoas poderem conhecer também, pessoas que como a minha avó, por exemplo, não tiveram a oportunidade de concluir os estudos..., falou o jovem com um brilho no olhar.

E continuou:

- Sabe *prô*, a gente vê e sente tanta violência e maldade na nossa quebrada todo dia, que acho que as famílias que participarem vão se sentir mais desejosas de aprender cada vez mais.

– Pois é, querido, falou Márcia, compreendendo o que Lord estava dizendo, é por isso que eu apoio essas iniciativas, pois eu penso que a escola não deve apenas ser um espaço para transmitir o conhecimento, e sim para proporcionar aos educandos e seus familiares um espaço de construção e apropriação de cultura, o

que lhes permitirá uma vida mais livre e potente como sujeitos de suas próprias realidades. Você está no caminho certo.

– Legal, *prô*, espero que a senhora permaneça bastante tempo nessa escola, para despertar em outros professores e alunos esse amor pelo conhecimento, que também me fez despertar. Bom, meus amigos estão chegando, vou lá terminar de preparar o nosso trabalho, até mais, falou Lord, despedindo-se da diretora.

– Até!, retribuiu ela, se dirigindo para a sua sala.

– E aí, galera *seis tão pronto pras apresentação?*, falou Lord, batendo em gírias para os seus amigos.

– Sussa, Lord..., falou Gustavo, mais conhecido como Gordo, devido aos seus 105 quilos.

Gustavo era negro, daquela tez bem escura mesmo, 20 anos, estava no 3º Ano do Ensino Médio, na mesma classe de Lord, porém um pouco mais atrasado nos estudos, por causa de duas repetências, as duas por frequência, dada sua baixa autoestima. Era baixinho, falador e gostava muito de doce. Vivia com o pai, o seu Alcides e com a avó, dona Geny, que era a cozinheira do abrigo onde Lord morava. Inclusive, foi no abrigo que os dois se conheceram, pois Gustavo sempre ia para lá nas férias, levado pela avó, já que seu Alcides trabalhava e não tinha ninguém para cuidar do menino quando este estava em casa. Alcides, que era nervoso e não tinha paciência com a mãe, que considerava velha, neste período, tinha que permanecer humilde e aceitar a ajuda que ela dava, ao levar o neto junto com ela para o abrigo.

Gustavo havia perdido a sua mãe logo ao nascer, devido a uma complicação no parto, mas que o seu Alcides insistia em falar que havia sido por omissão, pois *ninguém ligava para a vida de uma mulher pobre e preta num hospital esquecido no fim do mundo da cidade*, como dizia. A verdade, leitor, é que não são poucos os casos como esse, de omissão, mas também poderíamos chamar de racismo, nos serviços de saúde, e que atormentam muitas outras famílias, assim como ocorrera com a família de Gustavo. E Gustavo continuou:

– A gente só tem que ver com o Professor João Robert onde é que vai esse painel aqui, falou mostrando o painel.

– Eu acho que vai ficar mais impactante bem na entrada do prédio, pois assim, os visitantes não têm como não ver o painel, falou Henrique, apontando para a entrada da escola.

Também chamado na escola de Cica, Henrique era negro, de uma cor amendoada, alto, com os seus 1,95, não só parecia jogador de basquete, como de fato este era o seu sonho. Dizia que estava apenas esperando oportunidades de os clubes da cidade se interessarem por ele. Também estava aguardando o fim do ano para participar de algumas ‘peneiras’, como eram chamadas as seletivas de clubes.

Uma vez, recebeu convite de um time da cidade vizinha, mas devido ao gasto que teria com transporte, alimentação e deslocamento até chegar ao local de treino, na sua pobreza, viu que não conseguiria cumprir essa jornada.

O apelido Cica, era devido à cicatriz que cortava o lado esquerdo do seu rosto, era um menino muito inteligente e fazia sucesso com as meninas, apesar dessa grotesca marca, causada por uma queda, quando criança. Na hora de correr para

pegar uma pipa, tropeçou no meio-fio da calçada e bateu numa pedra, que acabou cortando o seu rosto. Conta a mãe de Henrique, a dona Vanda, que assim que soube do ocorrido, o seu pai, seu Joaquim, que estava pintando uma casa no bairro, entrou no carro de um vizinho e percorreu três hospitais até o menino ser atendido, e no último, como não tinha médico no plantão, a própria enfermeira fez a sutura no rosto do menino, pouco se importando se a linha para o procedimento era na verdade mais adequada para uma cirurgia interna.

Neste caso, leitor, apesar de não podermos provar nada, também fica muito evidente o tratamento dispensado a uma criança oriunda de uma família como a que Cica tinha vindo, negra.

– Acho que fica bom mesmo, disse Lord, já a caminho do professor, para se certificar como ficaria melhor o Painel.

CAPÍTULO 17

A Mostra Cultural estava cheia, muitas das famílias dos alunos tinham aceito o convite e foram prestigiar a escola e o trabalho desenvolvidos pelos seus filhos, netos sobrinhos, irmãos... As salas de aula, pátio e corredores estavam todos enfeitados e com os alunos demonstrando tudo o que haviam preparado.

Fez-se uma pequena pausa nas atividades que eram desenvolvidas para a diretora fazer a abertura do evento. A Diretora Márcia subiu no palco, pediu a palavra, agradeceu a presença de todos e pediu uma salva de palmas para os alunos e professores que haviam transformado, culturalmente, a paisagem daquela escola. Após o fim das palmas, a diretora falou:

– Para mim, esta é a realização de um sonho, e eu estou muito emocionada com a dedicação e disposição de todos que participaram, desde o início deste momento. Num panorama como o que temos enfrentado em nosso país, com tanta violência, corrupção, crise econômica, que aumentou ainda mais os índices de pobreza no país, e com o baixo investimento em educação, que é um direito nosso e um dever do Estado, esse momento expressa que, quando queremos, fazemos muito acontecer. E eu agradeço a todos vocês, pais, por nos ajudarem nesse caminho de construir certezas em meio às incertezas. E não se esqueçam de que é importante sempre resistir aos privilégios de uma parte da população que sempre procurou silenciar e marginalizar os pobres, os pretos e os indígenas. Mas essa luta, essa resistência não deve ser feita com fuzil, mas com uma conduta exemplar baseada na consciência do voto certo, da valorização da educação e da apropriação da “coisa” pública. Só assim será válida a luta contra a desigualdade social e étnico-racial existente em nosso país. Esse evento que vocês estão vendo tem o objetivo, justamente, de mostrar um pouco da nossa cultura, que também deve ser apropriada por todos nós, de forma que possamos construir um país orgulhoso da sua cultura, o que marca a nossa I-DEN-TI-DA-DE. Obrigada.

A fala da diretora foi muito aplaudida. E seguiram-se as atividades do evento.

Neste momento, entra na escola um homem na faixa dos quarenta anos, branco, magro e cabelos pretos, com 1,82 de altura e pouco mais de 90 quilos. Ele traça uma roupa no estilo esporte fino, com um semblante de quem procurava algo ou alguém.

Entra na escola e se depara com um painel que traz a imagem de quatro pessoas desenhadas, um menino branco, um menino negro, um menino indígena e um menino oriental, dizendo o seguinte texto, colocado numa caixa de diálogo:

Como todo mundo, sou feito de átomos. Eles são tão pequenos e numerosos que eu inalo bilhões de trilhões de átomos cada vez que respiro. Eu exalo muitos deles diretamente para fora, mas outros átomos ficam por algum tempo, tornam-se parte de mim e podem ser exalados mais tarde. Outras pessoas inspiram alguns deles, de modo que se tornam parte de mim. E vice-versa. [...] Os átomos que constituem meu corpo já estiveram, algum dia, em corpos de pessoas de cada país do mundo. Além disso, uma vez que existe um número maior de átomos quando inspiramos do que o número total de humanos que já existiram, toda vez que inspira ar, você recicla átomos que já fizeram parte de todas as pessoas que viveram desde o início da humanidade. Portanto, neste sentido, somos todos um. (Paul Hewitt – Física Conceitual – 2011)

Na sequência, meio que, sem conhecer o espaço, foi passando pelas salas de aula, onde estavam montadas as salas temáticas. Entre elas, observa uma que traz algumas bandeiras da África, o que identificou serem as bandeiras dos países falantes de língua portuguesa. Lá dentro, numa rápida olhada, viu mesas contendo maquetes e painéis com imagens e informações sobre aqueles países.

Entrou em mais uma sala, ficou admirado com o artesanato de motivo indígena. Nunca tinha visto peças tão bonitas! Perguntou para um dos alunos de onde eram aquelas peças e o aluno explicou que elas eram objetos e acessórios de um povo que até hoje reside nas divisas dos estados de Sergipe e Alagoas, chamado Kariri-Xocó. Preservavam a sua cultura pela manutenção de um ritual chamado Ouricuri - uma festividade que brindava a ancestralidade daquele povo - com danças e cerimônias, em que os participantes, adeptos de sua identidade, realizavam uma comunhão como os seus ancestrais e divindades, a partir da ingestão de uma bebida sagrada. O homem agradeceu a explicação e saiu.

Numa outra sala, observou os alunos vestidos como Orixás, no desenvolvimento de um jogo, um tipo de RPG, sigla de *Role Playing Game*, em que as pessoas executavam as ações de um personagem. Achou interessante, mas saiu, pois não havia encontrado quem procurava, comparando quem via com a fotografia em sua mão.

Procurou em muitas salas onde pode acompanhar, ver e sentir experiências muito interessantes, como uma roda de chorinho, degustação de acarajé, jogo de mancala, sala de personalidades indígenas e afro-brasileiras... entrou também numa sala com um mapa gigante do continente africano e contendo maquetes que reproduziam as variedades da vegetação, clima e divisões políticas daquele

continente. Sem contar que, numa sala multimídia, alguns alunos estavam chamando para a exibição do desenho “Kiriku e os animais da Floresta”.

Tentando mais uma sala, olhou para um aluno, parou e ficou emocionado. A sala com alguns painéis apresentava elementos de combate ao racismo, também eram retratadas, ali na sala, algumas personagens que, no passado, utilizaram da verdade científica para reiterar o racismo, como o Conde de Gobineau, como reconheceu, de pronto.

Parou, olhou para Lord e solicitou uma explicação, como se quisesse ter alguma certeza. Quando Lord começou a explicação, o homem, em prantos, falou com um sotaque puxado para o francês:

– Meu filho!, e antes de Lord esboçar alguma reação, o homem logo o abraçou.

Sem esboçar reação, procurou logo o olhar de sua avó, que naquele instante estava na sala para prestigiar a apresentação do neto.

Ela balançou a cabeça, como que confirmando aquela realidade, o que fez o menino chorar, num misto de surpresa e emoção.

CAPÍTULO 18

Ainda emocionado e assustado, Lord abraçou Jean, em meio aos olhares de Lis, de sua avó e das pessoas que estavam na classe naquele momento, entre colegas e visitantes. Jean pediu para Lord o acompanhar a um lugar onde eles poderiam conversar mais tranquilos.

Saíram da sala e percorreram o pátio, onde estava montado o palco, mas havia se encerrado uma apresentação de Rap e já era anunciado pela coordenadora pedagógica o desfile de Moda Afro, que começaria em instantes.

– Puxa, que evento bacana, disse o pai de Lord, meio que quebrando o gelo e se preparando para conversar com o filho.

– Legal mesmo, disse Lord, meio sem graça.

– Olha, Lord, eu sei que essa não é uma situação fácil, nem para você, e nem para mim que já sou um homem maduro, mas são tantas coisas para falar, e eu sei que poucas delas farão sentido para você, agora. Talvez o medo que você sinta agora seja o medo que eu senti há dezoito anos. Acabei retornando para a França, fiz minha vida lá, sou professor na Universidade de Paris e, durante muito tempo, eu procurei por notícias de vocês, juro. Porém, somente desta vez, que, por acaso, eu encontrei uma colega minha e da sua mãe da época de faculdade, no Maranhão, onde eu participava de um evento relacionado à cultura popular - que inclusive tem muito a ver com esse evento aqui. Ela me contou de toda a trajetória da sua mãe depois do tempo em que passamos juntos.

Jean disse:

– Eu sinto muito, Lord, a Maria era uma pessoa fantástica, alegre, trabalhadora, engajada, assim como eu vejo que você é, e silenciou um pouco.

Jean sentiu o pranto silencioso do seu filho, lhe enxugou as lágrimas, assim como um pouco da sua que estava escorrendo, e continuou:

– Essa colega me passou o endereço de onde você estava, daí peguei um voo para cá e fui ao abrigo. Lá, eu me apresentei para uma senhora muito simpática, que se chama Terezinha, e ela me disse que você estava numa atividade aqui na escola, me deu uma foto sua e aqui estamos. Sabe, o meu voo de volta para Paris é amanhã de manhã, mas agora que te encontrei, não quero te perder mais.

Após a emoção que tomou conta dos dois, eles se abraçaram. Lord, no entanto, parecia estar muito pensativo e ainda não havia falado nada. Entraram na escola, esperaram a Mostra Cultural terminar, deixaram Lis e Vó Catarina no “Lar” e saíram. Tomaram um lanche, momento em que puderam conversar mais e em que Jean se mostrou animado com tudo o que Lord lhe contou e se comprometeu a ajudar Lis e sua avó, mas principalmente, Lord a realizar seu sonho e cumprir a promessa que tinha feito a si mesmo.

Jean deixou Lord no abrigo, à noite, e foi embora, carregando em seu coração Lord e os compromissos que tinha assumido, junto ao filho, promessas que ainda eram uma incógnita para o menino.

CAPÍTULO 19

Depois do sucesso da Mostra Cultural e das emoções que o pegaram de surpresa com a aparição repentina de seu pai, Lord focava no seu objetivo maior, que era a entrada na faculdade. Ele sabia que uma das maneiras de entrar numa boa universidade era através do vestibular e, por isso, sua conduta escolar se modificou ao longo do Ensino Médio, quando passou a ser mais disciplinado, estudioso e interessado em tudo o que estivesse ligado à educação e ao saber.

Em maio, fizera a sua inscrição para participar do Exame Nacional do Ensino Médio, o chamado ENEM, e como é aluno de escola pública e negro, assinalou a intenção de participar das cotas. Lord lembrara de uma palestra, da qual havia participado, de uma importante professora de uma Universidade Pública. Nesta palestra, ela defendeu a importância das cotas no Brasil, pois como nosso país é racista, falava ela, e com um longo histórico de escravidão, que produziu um abismo social entre brancos e negros, as cotas tinham a intenção de procurar equilibrar as desigualdades. O mérito no vestibular era uma furada, pois seria o mesmo que comparar, com as desigualdades sociais e econômicas que o Brasil tinha entre esses grupos, uma corrida entre uma bicicleta e um triciclo de criança, ou seja, seria injusto.

Mas Lord sabia que esse era apenas um dos obstáculos que iria encontrar na vida, como falava sempre a sua avó. Como negro, com certeza iria vivenciar situações difíceis e desfavoráveis em algum outro momento, seria importante enfrentar essas dificuldades de cabeça erguida.

...

Aquele era o segundo dia da prova do ENEM, doze de novembro, e Lord estava certo de que iria bem, assim como havia ido no primeiro dia do teste, na

semana anterior, quando sentiu que arrasou na redação. No entanto, neste dia a prova seria voltada para a área de Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias, áreas que não eram muito de sua preferência, mas mesmo assim se sentia preparado para responder as questões. Ainda que tivesse estudado toda a sua vida até ali na escola pública, onde os professores são na maioria bons, porém, a estrutura é que prejudicava um pouco: classes lotadas, uma indisciplina um pouco grande, alguns casos de violência de aluno para com professor e o inverso também acontecendo. Pensava que, às vezes, essa situação acontecia por causa da desmotivação de muitos professores com o magistério, por causa da falta de estrutura, baixa remuneração, entre tantas outras coisas. Pensava que, possivelmente, teria de enfrentar tudo isso, mas tudo era apenas a realidade de um sonho, que era de sua mãe, inicialmente, mas que passaria a ser seu, por livre vontade e obstinação.

Foi dada a permissão para iniciar a prova. O fiscal já havia verificado a sua identificação e Lord começou o teste, afastando qualquer outro pensamento negativo e rezando uma oração que sua avó havia lhe ensinado.

...

Mais tarde, chega em casa, sobe contente e logo vai falar com Lis.

– Lis, adivinha, acho que fui bem na prova de novo!, exclamava de forma efusiva, contando como tinha sido a prova.

E continuando:

– Talvez um pouco menos que na semana passada, na prova de Linguagens, Ciências Humanas, mas agora é só esperar o resultado, no dia dezanove de janeiro, falou, rindo, porque fez relação do número dezanove com um livro que já havia lido “Avódezanove e o segredo do soviético” de um autor angolano, chamado Ondjaki, que lhe foi apresentado na escola pelo professor Silas, um professor readaptado da escola, que ficava na sala de leitura.

Então Lis falou:

– Puxa, Lord, parabéns, maninho, disse contente, e continuou:

– Você vai ver, vai dar tudo certo!, falou Lis, emocionada, dando um abraço no irmão.

CAPÍTULO 20

Naquele dia da Consciência Negra, Lord estava fazendo dezoito anos, completara a maioridade, estava feliz e triste ao mesmo tempo, pois em breve deveria sair do abrigo, não poderia permanecer ali como maior de idade. Porém, a senhora Terezinha havia permitido que Lord passasse as festas de final de ano e ficasse no Lar Amigo Francisco de Assis até o aniversário de sua irmã Lis, tendo tudo sido combinado com a avó Catarina.

Naquele dia da Consciência Negra, pensando na sua mãe, na sua irmã Lis e em todas as situações que passara, naquele ano, Lord ficou bastante feliz consigo,

pois estava terminando o Ensino Médio e, com certeza, pela sua dedicação, estaria cursando, no próximo ano, Filosofia em uma Universidade Pública. Continuava cheio de suas convicções e incorporara, neste percurso, outras mais, e ao mesmo tempo reafirmava mais a sua identidade.

- E como a escola tinha sido importante para isso! - ele pensou. Foi lá que pode se desenvolver, que tomou consciência social e racial, não que lá não existisse discriminação, pelo contrário, mas foi através das brincadeiras, piadas e apelidos “ingênuos” de alguns colegas, que aprendeu que na vida seria importante saber resistir. Foi através de algumas omissões, ausências e “deixa pra lá”, por parte de alguns funcionários, professores e direção que passaram pela escola, que percebeu que, em alguns momentos, mesmo sozinho, não se pode desistir dos seus sonhos.

Mas, nesse último ano, uma pessoa que iria ficar marcada para sempre no seu coração seria a professora Márcia, que deu todo o apoio para a Mostra Cultural, entre outras atividades diferenciadas na escola. Uma das poucas coisas que ela tentou, mas não conseguiu, confidenciou pessoalmente ao menino, foi não ter conseguido mobilizar a burocracia para mudar o nome da escola. Porém, ficou na lembrança de Lord, uma frase sua:

– Lord, não tem problema que não conseguimos alterar o nome da escola, pois assim, nunca esqueceremos que um dia, as ações de uns poucos homens foram de querer dividir a humanidade, defendendo a ideia de que “eu sou melhor que você, porque o meu grupo racial é melhor que o seu”, mas que, apesar de tudo, eles não conseguiram manter essa verdade para sempre, lembrou, com lágrima nos olhos.

Lord também estava feliz por Lis, que parecia ter recuperado a sua autoestima depois das questões vividas na escola, percebendo isso quando passou a observar que, quando sua irmã lavava os cabelos, passou a não mais querer só fazer prancha, para os tornar lisos. Percebia que ela se tornara mais ciente de sua identidade, não necessitando mais da aprovação dos outros com relação à sua imagem, estava mais convicta de sua beleza, inteligência e todos os seus atributos, que, inclusive, ela mesma passou a valorizar mais. Dito de outro modo, não mais necessitou se render às opiniões e caprichos dos outros, que muitas vezes eram carregados de estigmas e preconceitos, pensava Lord.

Nesse momento até cantou:

–Respeitem meus cabelos, brancos!, lembrando do trecho de uma música de Chico César.

Em seguida lembrou de outra, que seu professor de História gostava de cantar, *Sarará Criolo*, de uma cantora chamada Sandra de Sá.

Enfim, foi um dia de muita alegria e reflexão. Lord comemorou com seus amigos do abrigo, seus amigos da escola, que vieram lhe visitar, sem contar a sua irmã e a sua avó.

Mas, fora do abrigo, o dia da Consciência Negra foi marcado por muitas manifestações e protestos contra a discriminação racial, o preconceito velado e todas as variantes atreladas ao racismo. Como o racismo institucional, por exemplo, que, demonstrado em dados oficiais, apontam a discriminação nas relações trabalhistas,

jurídicas e de segurança. Assim como a falta de representatividade de negros nas instituições e organizações públicas ou privadas, por exemplo.

...

A verdade, leitor, é que muita coisa precisava mudar nesse país, e esses dois irmãos estavam seguindo a tendência correta das coisas, por meio das suas visões e posições, condutas, atitudes e comportamentos.

CAPÍTULO 21

Naquele dia, Lord levantou triste, pois sabia que aquele seria a sua despedida do abrigo. Ao mesmo tempo, estava feliz, pois era o aniversário da sua irmã, que estava completando 15 anos. A tristeza maior era porque sabia que iria ter que se separar de Lis, pelo menos por enquanto, sua amada irmãzinha, que prometera para a sua mãe nunca desamparar. Mas era preciso, pois pela regra, ao completar a maioridade, ninguém poderia ali permanecer.

Tomou coragem e levantou, correu para o quarto da sua irmã, e gritou:

– Feliz aniversário, mana!!! Muitas felicidades!!!

Lis acordou, num misto de susto e satisfação. Agradeceu os parabéns e deu um grande abraço no irmão.

No café da manhã, todos aproveitaram para cumprimentar a menina, que era muito querida no abrigo.

– Você está vendo essa festa *pra* você, cabrinha, então espera o que vem para ti na hora do almoço, falou Zé dos Cocos, animado.

– Agradecida, respondeu a menina.

...

Na hora do almoço, todo mundo almoçou na mesa com Lis, as outras crianças e adolescentes do “Lar”, Lord, a senhora Terezinha, o Olenka, que as crianças chamavam de João de Angola, a dona Geny, o seu José do Bonfim, conhecido como Zé dos Cocos e sua avó, a vó Catarina.

Sua avó, que estava ao seu lado na mesa, deu a ela de presente uma linda boneca de pano e falou:

– Este é para você colocar na sua cama e te fazer companhia, disse vó Catarina, abraçando a neta.

– Puxa, que linda vó, essa boneca negra, foi a senhora mesmo que fez, né?, exclamou Lis se certificando após um aceno da avó.

Zé dos Cocos pediu a palavra e falou:

– Lis, como as melhores coisas do mundo, não são coisas, espero que você guarde *pra* sempre esse almoço de quinze anos em seu coração, pois como você pôde perceber, aqui estão todas as pessoas que você mais gosta e que também

gostam de você, é claro, disse emocionado, dirigindo-se ao encontro de Lis para lhe dar um abraço.

Depois dessa fala emocionada, todos foram ao encontro de Lis para lhe darem um grande abraço, e, quando os abraços terminaram, Lord, brincando, disse:

– Vamos parar de choradeira e vamos cantar parabéns, gente, porque esse bolo tá com uma cara ótima!, exclamou, olhando para um grande bolo de chocolate, simples e sem cobertura, que a dona Geny tinha feito.

E todos juntos cantaram parabéns...

...

Após a farra na hora do almoço, Lord seguiu para o quarto da irmã e deu um beijo nela. Os dois sabiam o que tudo aquilo significava, mas não disseram mais nada um para o outro. Choraram juntos... se abraçaram fortemente.

Lord desceu as escadas em silêncio. Naquele horário, o abrigo estava mais calmo. Avistou e acenou para o senhor João e para o senhor José, em tom de despedida. Sua avó já o esperava do lado de fora do abrigo, que durante tanto tempo fora o seu lar.

Pensou na sua mãe, sabia que ela estava junto dele naquele momento, e imaginou tudo o que, a partir daquela hora, haveria de enfrentar.

No entanto, saiu sorrindo e pensando:

– Eu quero, eu posso, eu consigo, eu realizo!, sentindo-se confiante e tendo a certeza que iria continuar o percurso de sua mãe quando começou a cursar Filosofia na Universidade.

Reencontrara o seu pai, não sabia o que isso significava ainda, mas tinha fé no futuro, como também na possibilidade de mudanças. Mudanças tanto suas como das outras pessoas.

Tudo o que acontecera no ano anterior serviu para que Lord e Lis percebessem que o sonho por um mundo bem melhor, livre da desigualdade, da discriminação e do racismo, dependeria de uma ação... não só sua, mas de mais pessoas, quanto mais melhor, sonhando com um mundo mais justo, humano e livre de quaisquer preconceitos.

Não bastando para isso apenas leis, mas sim proposições, deliberações, decisões e ação de cada um...

Existiam, na verdade, 10.639 razões para se acreditar nessa mudança e mais de 11.645 formas de alcançá-las.

....

Eram nove de janeiro de dois mil e dezoito...

PALAVRAS FINAIS: AS CONTRIBUIÇÕES DA OBRA

O desenvolvimento de um trabalho didático-pedagógico em relação à temática étnico-racial, tende a contemplar apenas alguns aspectos, muitas vezes, apenas traços da cultura africana e afro-brasileira, como algo “espetacular”, ou seja desconectado do que vivenciamos no Brasil na prática. Por exemplo, a forma como a Língua Portuguesa no Brasil, longe de ser “portuguesa” é mais um produto das decisivas contribuições político-sociais e culturais das populações africanas e indígenas. Digo político-sociais, pois as resistências que se impuseram ao colonizador, e um uso maciço da chamada “Língua Geral”, determinou que em um dado momento, os portugueses baixassem uma norma restabelecendo o uso da Língua Portuguesa, através de Marquês de Pombal.

Esse é apenas um exemplo de como é importante desenvolver um trabalho didático-pedagógico amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), atendendo às suas determinações, que se completam quinze e dez anos respectivamente, se considerarmos as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais orientam a base nacional comum da referida lei nacional, a temática étnico-racial e a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena sejam “trabalhadas” como os Parâmetros Curriculares Nacionais, determinavam, ou seja, de modo TRANSVERSAL.

Em relação à obra, esta foi pensada e escrita levando em consideração a importância dos conteúdos para o desenvolvimento de uma ação didático-pedagógica eficiente, eficaz e efetiva, por considerar que os conteúdos são mensagens necessárias nessa relação comunicativa entre professor e alunos no processo didático.

Assim, durante o processo de escrita, foram minuciosas as atenções em relação ao texto literário, a caracterização dos personagens, a linguagem utilizada, a consideração sobre os conteúdos escolares enredados na produção dessa obra. Além disso, proporcionar uma prazerosa leitura e servir principalmente para ampliar a consciência dos educadores, das diversas disciplinas, de que é possível inserir a temática que assevera a LDBEN, com as alterações propostas pela Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, assim como determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, instituída pelo Parecer nº 03/2004 do Conselho Pleno do Conselho

Nacional de Educação e regulamentada, com força de Lei, pela Resolução nº 01/2004 do mesmo órgão.

Neste sentido, eu termino esta seção, como foi findada a seção “Primeiras Palavras”, ou seja, este livro é tão somente uma possibilidade para que se garanta, dignifique e se contemple, enquanto direito à aprendizagem, a temática étnico-racial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.**

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 09 abr. 2017.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC/SECAD/ SEPPIR /INEP, 2004.

_____. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 09 abr. 2017.

_____. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 10 maio 2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 06 ago. 2017.

COLL, César et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docente.** Curitiba: Intersaberes, 2013.

ANEXO

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque